

Prospectiva (Frutal-MG).

# A migração do nordestino trabalhador rural e a educação escolar de seus filhos.

Nerci Aparecida dos Reis.

Cita:

Nerci Aparecida dos Reis (2016). *A migração do nordestino trabalhador rural e a educação escolar de seus filhos*. Frutal-MG: Prospectiva.

Dirección estable: <https://www.aacademica.org/editora.prospectiva.oficial/23>

ARK: <https://n2t.net/ark:/13683/pVe9/bNy>



Esta obra está bajo una licencia de Creative Commons.  
Para ver una copia de esta licencia, visite  
<https://creativecommons.org/licenses/by-nc-nd/4.0/deed.es>.

*Acta Académica es un proyecto académico sin fines de lucro enmarcado en la iniciativa de acceso abierto. Acta Académica fue creado para facilitar a investigadores de todo el mundo el compartir su producción académica. Para crear un perfil gratuitamente o acceder a otros trabajos visite: <https://www.aacademica.org>.*



**A MIGRAÇÃO DO NORDESTINO  
TRABALHADOR RURAL E A  
EDUCAÇÃO ESCOLAR DE SEUS FILHOS**

**NERCI APARECIDA DOS REIS**

COLEÇÃO  
**Produzir Cidadania**

EDITORA  
**PROSPECTIVA**

Nerci Aparecida dos Reis

A migração do nordestino trabalhador rural e a  
educação escolar de seus filhos

Frutal-MG  
Editora Prospectiva  
2016

Copyright 2016 by Nerci Aparecida dos Reis

**Capa:** Editora Prospectiva

**Foto de capa:** Sindicato dos Trabalhadores rurais de Frutal

**Revisão:** A autora

**Edição:** Editora Prospectiva

**Editor:** Otávio Luiz Machado

**Assistente de edição:** Jéssica Caetano

**Conselho Editorial:** Antenor Rodrigues Barbosa Jr, Flávio Ribeiro da Costa, Leandro de Souza Pinheiro, Otávio Luiz Machado e Rodrigo Portari.

**Contato da editora:** [editorapropectiva@gmail.com](mailto:editorapropectiva@gmail.com)

**Página:** <https://www.facebook.com/editorapropectiva/>

**Telefone:** (34) 99777-3102

**Correspondência:** Caixa Postal 25 – 38200-000 Frutal-MG

---

REIS, Nerci Aparecida dos.

A migração do nordestino trabalhador rural e a educação escolar de seus filhos. Frutal: Prospectiva, 2016.

ISBN: 978-85-5864-024-4

1. Migração. 2. Nordestinos. 3. Educação. I. Reis, Nerci Aparecida dos.  
II. Universidade do Estado de Minas Gerais. III. Título.

À minha neta Isabella, que nasceu no ano em que entrei para a faculdade, representando mais um marco importante em minha vida.

## AGRADECIMENTOS

Agradeço em primeiro lugar a Deus, por ter me dado saúde e persistência para continuar até aqui e realizar o meu sonho de ter um curso superior, mesmo depois de meus filhos formados.

Aos meus pais, principalmente minha mãe, Maria Aparecida da Silva que sempre me incentivou a estudar.

Ao meu esposo, Ivan José dos Reis pelo seu apoio e paciência, pelas minhas ausências nos finais de semana, pois sempre tinha um trabalho, seminário para fazer ou prova para estudar, além dos trabalhos de campo que foram os melhores momentos do Curso de Geografia, que além de aprofundar nossos conhecimentos com a prática, fazíamos um pouco de turismo.

Aos meus filhos Giselle e Ivan Filho pela compreensão, quando deixei tudo de lado para estudar.

Aos professores, que transmitiram um pouco do que sabem para mim e principalmente a minha orientadora deste trabalho, a professora e Dra. Marli Graniel Kinn, que colaborou para que este trabalho obtivesse êxito.

Aos meus colegas do Curso de Geografia que passaram por muitos momentos de aflição junto comigo nas horas de apresentar os trabalhos em grupo e os seminários.

## **LISTA DE FIGURAS**

Figura 1: Entrada da Escola Municipal Necime Lopes da Silva.

Figura 2: Biblioteca da Escola Municipal Necime Lopes da Silva de Frutal, MG.

Figura 3: pau-de-arara. Transporte de passageiros usado no Nordeste, para transportar alunos.

Figura 4: pau-de-arara para transportar alunos.

Figura 5: O Movimento Espacial do Capital Agroindustrial Canavieiro do Nordeste para outras regiões do Brasil.

Figura 6: Irregularidade com cortadores de cana-de-açúcar no Distrito de Aparecida de Minas, Frutal/MG.

Figura 7: A foto mostra irregularidade encontrada na lavoura de cana-de-açúcar, com trabalhadores em cima do caminhão de cana, no Distrito de Aparecida de Minas, Frutal.



Figura 8: Mapa do Município de Frutal. 50

Figura 9: Frutal no estado de Minas Gerais. 50

Figura 10: Minas Gerais no Brasil 51

Figura 11: A seta indica a localização da Escola Municipal Necime Lopes da Silva, em Frutal/ MG.

## **LISTA DE TABELAS**

Tabela 1: Migração por grandes Regiões - Brasil

Tabela 2: Relação de Funcionários da Usina Cerradão

## SUMÁRIO

AGRADECIMENTOS.....	05
INTRODUÇÃO.....	11
1 AS MIGRAÇÕES NO CONTEXTO GERAL.....	17
1.1 As Migrações na região sudeste.....	20
1.2 A exploração da mão de obra do migrante.....	28
1.2.1 Conceitos de território, região e lugar.....	30
1.2.2 Os migrantes trabalhadores no complexo agroindustrial canavieiro.....	34
2 OS MIGRANTES NORDESTINOS EM FRUTAL.....	42
2.1 Entrevistas com migrantes nordestinos em Frutal.....	49
2.2 A colheita da cana-de-açúcar.....	57
2.3 Os colhedores de laranja.....	67

3 AS IRREGULARIDADES ENCONTRADAS PELO SINDICATO DOS TRABALHADORES RURAIS DE FRUTAL ENVOLVENDO TRABALHADORES NAS LAVOURAS.....	74
3.1 O perfil dos trabalhadores rurais nordestinos.....	85
3.2 O atual quadro da agricultura em Frutal.....	88
CONSIDERAÇÕES FINAIS.....	93
REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS.....	98

## INTRODUÇÃO

O tema desta pesquisa é o migrante nordestino e a educação escolar de seus filhos, uma vez que a grande maioria das crianças filhas destes migrantes encontra dificuldades na aprendizagem, visto que são transferidos muitas vezes no decorrer do ano letivo e a própria adaptação que a mudança de estado e cidade traz, sendo que o interior dos estados do nordeste é uma região sócio-econômica com graves problemas sociais e desemprego. Com isso, as crianças não têm as mesmas condições de serem alfabetizadas como em Frutal, que conta com uma infraestrutura bem melhor que a cidade de origem destes migrantes, que na maioria estão vindos da zona rural do seu estado, onde as escolas muitas vezes não possuem recursos financeiros, falta material didático e até mesmo a merenda escolar, muitos viajam a pé ou em transporte precário por longas distâncias, afetando com isto o processo de ensino-aprendizagem. Vale dizer que isto não é regra geral, não quer dizer que só porque a criança é de condição menos favorável socioeconômica, que vai ter problemas de aprendizagem na escola. O maior problema são as transferências de escola no decorrer

do ano letivo, devido à adaptação de escola, cidade e o modo de ensino.

Com este trabalho pretende-se analisar como é o fluxo de matrículas e a permanência dos filhos destes migrantes, para que as instituições possam oferecer uma escola que atenda as necessidades e expectativas destas famílias, formadas por pessoas que apenas sabem escrever o nome ou são totalmente analfabetos. De acordo com observações feitas nas escolas que atendem as crianças filhos de migrantes, situada no Bairro “Novo Horizonte” e na Vila Esperança em Frutal, nota-se que muitas vezes, a maior preocupação destas pessoas quando chegam à cidade é com o trabalho. Muitas vezes se mudam no meio do ano letivo e com isto as crianças perdem até meses de aulas, principalmente quando não trazem a documentação de transferência necessária para fazerem a matrícula e ficam esperando que algum parente mande estes documentos pelo correio. E o mesmo acontece quando resolvem voltar para a cidade de origem no decorrer do ano letivo. As crianças quase sempre ficam prejudicadas com estas mudanças de escola.

Assim, este trabalho tem como objetivo geral analisar a migração dos nordestinos que são contratados para trabalhar nas lavouras de laranja e

principalmente no corte manual da cana-de-açúcar para a região de Frutal, Minas Gerais, a educação de seus filhos, a realidade sócio-econômica-cultural e as dificuldades encontradas pelas crianças, que são transferidas de uma escola para a outra no decorrer do ano letivo, e ficando assim prejudicados no processo de aprendizagem.

Observa-se que apesar de tratar de pesquisa feita na cidade de Frutal e região, ela não se desenvolveu desvinculada de outros contextos, que também abrigam situações semelhantes, como no Triângulo Mineiro e São Paulo, na região de Ribeirão Preto, onde se encontram muitas usinas de açúcar, cujo Estado abriga a maior parte de todos os migrantes, não só do Nordeste como de outros Estados.

Tem-se como objetivo específico analisar a questão da educação, da vinda dos migrantes nordestinos trabalhadores rural para as usinas de cana-de-açúcar de Frutal e sua influência no processo de aprendizagem, buscando as causas do baixo rendimento dos alunos, encontrado na alfabetização e nas séries iniciais, que é a base da vida escolar do aluno.

Sabe-se que a educação é um direito de todos e dever do Estado, amparado pela LDB 9394/96,

visto que vivemos num regime democrático. Via de regra, qualquer família, independente da classe social, preocupa-se com a educação de seus filhos. A educação é a via imprescindível para assegurar a igualdade de oportunidade, condição fundamental para a justiça social, que é, por sua vez, princípio básico de qualquer regime democrático. E a LDB, em seu artigo 2º, nos diz que a educação é um dever da família e do Estado, inspirada nos princípios de liberdade e nos ideais de solidariedade humana, tem por finalidade o pleno desenvolvimento do educando, no preparo para o exercício da cidadania e sua qualificação para o trabalho.

Tem-se ainda como objetivo específico fazer um levantamento da realidade na Escola Municipal Necime Lopes da Silva, onde se encontra uma grande maioria de migrantes nordestinos vindos de Pernambuco e de Alagoas, que atende os filhos destas pessoas que trabalham na lavoura de cana-de-açúcar e de laranja, quanto aos problemas encontrados na educação, como o baixo rendimento destas crianças. De acordo com entrevistas com professores e funcionários da escola, percebemos que a realidade nas escolas de Frutal é semelhante.

São também objetivos específicos: Transmitir mais informações sobre a migração interna no Brasil

e no Estado de Minas Gerais, especialmente em Frutal, com a vinda dos cortadores de cana como também as pessoas que trabalham nos laranjais, e compreender como ocorrem as relações no processo de ensino-aprendizagem da cidade de origem com as escolas de Frutal.

### **Procedimentos Metodológicos**

No início da pesquisa realizamos uma análise na bibliografia específica. Este trabalho tem como objeto a investigação sobre os migrantes nordestinos para Frutal e região. Os critérios adotados para selecionar este público alvo é localizar alguns migrantes que possuem filhos matriculados na Escola Necime Lopes da Silva, localizada no bairro Novo Horizonte, na periferia, próximo aos bairros Caju, Vila Esperança, Frutal II e Frutal III, onde concentra um grande número de migrantes nordestinos. Localizados estes pais na comunidade já citada, utilizar de questionário aberto e ouvir as histórias de vida dos mesmos, bem como fazer entrevista com professoras, supervisora e diretora da escola. Pesquisar também na Usina Cerradão o número de migrantes nordestinos que vieram para Frutal desde quando a mesma foi inaugurada na nossa cidade.



Para a obtenção dos objetivos aqui pretendidos, foi realizada uma revisão bibliográfica a fim de fornecer o suporte teórico necessário ao estudo das temáticas aqui abordadas.

No capítulo I analisaremos as migrações no Brasil, mais especificamente na região Sudeste e os motivos destas migrações, e como acontecem as mesmas.

Analisaremos também gráficos e tabelas sobre a migração de nordestinos para a Região Sudeste e demais regiões do Brasil.

No capítulo II analisaremos o motivo da vinda dos migrantes nordestinos para Frutal, o trabalho nas Usinas de cana-de-açúcar e na lavoura de laranja, e como acontece o processo de matrícula e permanência de seus filhos na Escola Municipal Necime Lopes da Silva, situada no bairro Novo Horizonte, próxima dos bairros Caju, Frutal II e Vila Esperança.

No capítulo III analisaremos as irregularidades no complexo do agronegócio de Frutal encontrado pelo Sindicato dos Trabalhadores Rurais de Frutal.

# 1 AS MIGRAÇÕES NO CONTEXTO GERAL

De acordo com o dicionário de língua portuguesa, o significado de migração é a passagem de um país para o outro. É trocar de região, país, estado ou até mesmo domicílio. Isso sempre aconteceu, desde o começo da história da humanidade. Migrar faz parte do direito de ir e vir, que consta na Constituição Brasileira. As migrações geralmente estão ligadas a um contexto socioeconômico global ou a um contexto nacional ou regional. Os processos migratórios podem ser de um modo livre, que assim está se exercendo este direito ou de modo obrigatório, que tende a realizar interesses políticos e econômicos desumanos, visando sempre o capital, sendo algumas vezes nacional e outras estrangeiras, marcando cada vez mais esse enorme abismo que existe entre o mundo dos ricos e dos pobres.

Pesquisando sobre as migrações, encontramos no livro *População e Geografia*, de Luisa Amélia Damiani (2011), no tema sobre *as Migrações* onde ela afirma que:

Os estudos geográficos sobre migrações envolvem uma perspectiva histórica ampla e acompanham o fenômeno desde a Antiguidade até nossos dias. O fenômeno do povoamento não poderia ser compreendido sem as migrações. Considera-se desde migrações intercontinentais \_ detendo-se especialmente, pelo seu volume, na emigração europeia, do final do século XIX às primeiras décadas do século XX \_ até as migrações a curta e média distâncias, mais frequentes. (População e Geografia, 2011, p. 61)

A autora comenta que sempre houve migrações, desde os tempos mais remotos até os dias atuais. No início das colonizações o motivo era político e também pela pressão demográfica, principalmente a emigração europeia, quando a população veio em busca de novas terras para trabalhar na lavoura do café, principalmente, e como resultado da revolução industrial na Europa.

Segundo Amélia Damiami (2011)

Definem-se migrações permanentes e episódicas, as transferências autoritárias da população \_ como a migração de refugiados, o comércio de escravos, etc. \_ e as migrações espontâneas (aparentemente espontâneas). Delineiam-se motivos políticos e

econômicos conjunturais ou causas econômicas mais estruturais. Principalmente, quanto às causas da migração, sugere-se, genericamente, as motivações ou persegue-se, mais de perto o quadro histórico particular que a moveu. Entre as afirmações genéricas, está a de definir-se como causa permanente das migrações a pressão demográfica, fruto de um rendimento na área de origem, cujo aumento não acompanha o da população. Desse mesmo cunho, são definições que imputam à maior fecundidade rural o êxodo rural, não esclarecendo as condições históricas do processo de expropriação... (População e Geografia, 2011, p.62)

Quanto ao êxodo rural, as causas foram a expulsão do homem do campo pelas relações capitalistas de produção, ocorrendo o aumento das cidades e o assalariamento do camponês, devido à modernização da agricultura e como consequência o êxodo rural<sup>1</sup> causado pelos problemas da seca e a pobreza do interior do Nordeste.

Ainda segundo Damiani, “portanto a migração rural-urbana comportaria, inclusive, o aumento quantitativo e qualitativo dos conflitos sociais”. Haja vista os problemas sociais como a

---

<sup>1</sup> O êxodo rural é o deslocamento de pessoas da zona rural (campo) para a zona urbana (cidade).

miséria, o desemprego, problemas na área da saúde e educação, as favelas e a violência das grandes metrópoles como São Paulo, a cidade brasileira que mais recebe imigrantes de todas as partes do país, principalmente de nordestinos.

De acordo com o livro de Geografia do Ensino Médio *Conexões, Estudos de Geografia Geral e do Brasil*, de Lygia Terra et. e tal, “desde muito antes de surgirem os Estado modernos, as expulsões em massa causadas por razões políticas, étnicas ou religiosas já eram uma constante na história da humanidade”. Assim verifica-se que desde o final do século XX, os fluxos migratórios aumentaram em várias partes do mundo, envolvendo pessoas das mais diversas origens étnicas, nacionalidades, classes sociais e religiões.

## **1.1 As Migrações na região sudeste**

Conforme Ramos e Araújo (1999) no Brasil, “os principais fluxos migratórios, a partir da metade do século, são feitos pelos nordestinos que se dirigem para o sudeste, centro-oeste e norte do país”. O Nordeste, muito diferente do Sul e Sudeste, visto

que a região é muito pobre, os investimentos são poucos, pois o governo não investe em políticas para resolver o problema das secas e do clima semi-árido. A agricultura é de subsistência, a produtividade da agropecuária é baixa com poucos recursos. Quando há irrigação, como na plantação de frutas para exportação, os projetos beneficiam os produtores capitalistas. A região Sul e Sudeste do Brasil, com um clima tropical onde não ocorrem secas como no nordeste, bem desenvolvida industrialmente e com mercado crescente, tem sido visada cada vez mais pela migração, devido também à expansão das fronteiras agrícolas, da abertura de garimpos e também por causa das obras, como usinas hidrelétricas e rodovias.

São Paulo é a cidade que mais recebeu migrantes no país. Os antigos moradores da primeira metade do século eram imigrantes estrangeiros de várias nacionalidades como italianos, alemães, japoneses e árabes. Com a chegada da industrialização na região do ABC (cidades ao redor de São Paulo), os migrantes brasileiros se instalaram ali, criando áreas periféricas de São Paulo. Sem emprego, a maioria se instalou com péssimas condições de estrutura, com falta de saneamento básico e construções em terrenos irregulares,

surgindo as favelas. Assim os imigrantes, junto com os já desempregados, criaram uma grande massa de desemprego e péssimas condições de vida na cidade.

De acordo com o livro de Geografia do Ensino Médio *Conexões, Estudos de Geografia Geral e do Brasil*, de Lygia Terra et. e tal, (2010):

Nos últimos 30 anos, a população do Nordeste continuou migrando para o Sul e Sudeste, mas cada estado apresentou diferentes ritmos. No Ceará e no Rio Grande do Norte, houve uma redução da emigração, em consequência da expansão econômica que com isso gerou novas oportunidades de trabalho. Mas os estados da Bahia, Alagoas e Pernambuco não conseguiram reverter a evasão de sua população. Mesmo a Bahia, que teve o aumento do seu PIB aumentado neste período, não conseguiu gerar empregos suficientes para a sua população, pois os setores econômicos em expansão geraram pequena oferta de trabalho. (Lygia Terra)

De acordo com pesquisas realizadas pelo IBGE (Instituto Brasileiro de Geografia e Estatística) a região Nordeste por meio do censo, ainda é o primeiro lugar como área de repulsão (são áreas que perdem população por vários fatores) dentro do Brasil. Geralmente, a região de atração para os

nordestinos é o Sudeste. Na mesma pesquisa, descobriu-se também um fluxo de retorno, fato atribuído àqueles que não obtiveram sucesso em sua tentativa e que foram obrigados a retornar à sua terra natal. Muitos nordestinos que tiveram ascensão também retornaram.

Na década de 90, havia aproximadamente 500 mil nordestinos vivendo em outras regiões brasileiras. Na década seguinte, o número aumentou para cerca de 700 mil pessoas. Entre os primeiros anos de 1990 e 2000, pelo menos 1,4 milhões de nordestinos deixaram seus estados. Já a região Sudeste absorveu cerca de 1,5 milhões de pessoas e, no mesmo período, aproximadamente 950 mil migrantes deixaram essa região com destino a outros pontos do Brasil. Cerca de 66,8% do número de migrantes que chegaram à região Sudeste são do Nordeste, 14,5% do Sul, 13,5% do Centro-Oeste e 5,2% do Norte. A pesquisa mostrou que muitos nordestinos têm migrado para o Centro-Oeste, sobretudo para o Distrito Federal e Goiás. (Equipe Brasil Escola)

Segundo os Resultados da Tabulação Avançada do Censo 2000, do IBGE, entre 1991 e 2000, 3,4 milhões de brasileiros migraram em busca de melhores condições de vida. A região Nordeste



continua a campeã em fluxo migratório: foram 1.457.360 saídas entre 1995 e 2000 - um aumento de 7,6% em relação ao período de 1986/1991. O principal destino dos migrantes é a região Sudeste, que recebe 70,9% dos migrantes nordestinos. (IBGE, 2000)

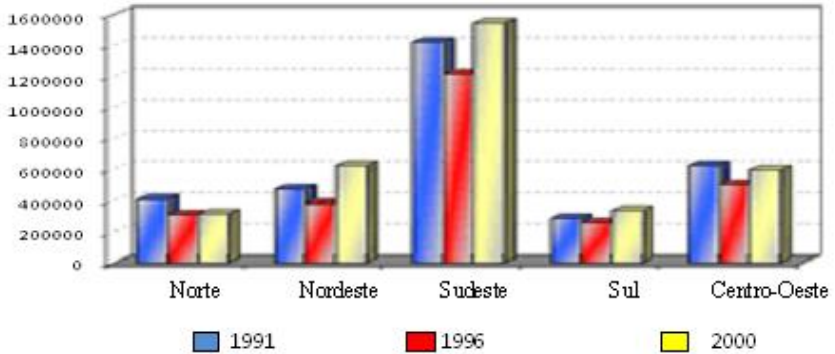
Vamos fazer agora uma análise na tabela e nos gráficos a seguir:

**Tabela 1: Migração por grandes Regiões - Brasil**

Migração por Grandes Regiões - Brasil, 1991/2000				
Regiões	Saídas		Entradas	
	1991	2000	1991	2000
Norte	277.298	285.422	408.516	318.464
Nordeste	1.354.449	1.457.360	477.915	623.960
Sudeste	786.796	950.797	1.426.934	1.546.192
Sul	470.654	338.628	285.264	338.043
Centro-Oeste	336.717	387.911	627.285	593.459

**Fonte: IBGE, Censo Demográfico 1991 e Tabulação Avançada do Censo Demográfico 2000.**

Volume de entradas nas Grandes Regiões  
1986/1991, 1991/1996 e 1996/2000

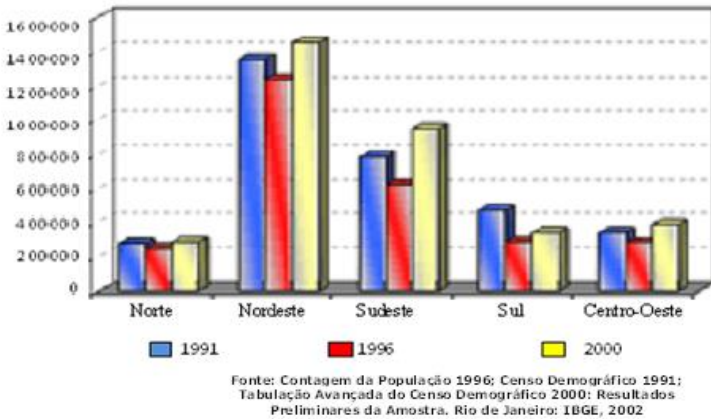


**Gráfico 1: Volume de entradas nas grandes regiões**

**Fonte: Contagem da População 1996; Censo Demográfico 1991;**

Tabulação Avançada do Censo Demográfico 2000: Resultados Preliminares da Amostra. Rio de Janeiro: IBGE, 2002.

**Volume de saídas nas Grandes Regiões  
1986/1991. 1991/1996 e 1996/2000**



**Gráfico 2: Volume de saídas nas grandes Regiões \_ 1986/1991.  
1991/1996 e 1996/2000**

Notamos que, ao mesmo tempo em que o Nordeste é a região que mais emite migrante, houve um acréscimo bastante expressivo de entradas na região (30,6%). Segundo pesquisas, isto pode ser em consequência da volta de muitos nordestinos à sua terra, tanto por terem conseguido prosperar quanto por não terem conquistado melhores condições de vida. Observa-se como há saídas da Região Sudeste para a Região Nordeste. São 48,3% do total, ou seja, quase a metade das pessoas que deixam o Sudeste do país se dirige ao Nordeste. (IBGE, 2002)

## Ainda de acordo com o IBGE:

A Pesquisa de Padrão de Vida, feita pelo IBGE, em 96, aponta que entre os nordestinos que chegam ao Sudeste, 48,6% exercem trabalhos manuais não qualificados, 18,5% são trabalhadores manuais qualificados, enquanto 13,5%, embora não sejam trabalhadores manuais, se encontram em áreas que não exigem formação profissional. O mesmo estudo indica também que esses migrantes possuem, em média, condição de vida e nível educacional acima de seus conterrâneos e abaixo dos cidadãos estáveis do Sudeste. (IBGE)

Observamos que ultimamente, de acordo com dados do IBGE, o movimento de retorno para o Nordeste tem crescido, sendo que a maior parte destes nordestinos sai da região sudeste, principalmente de São Paulo. Os principais fatores que contribuem para esta volta à terra natal são: o alto índice de desemprego da região metropolitana de São Paulo; o crescimento do setor de turismo no Nordeste, além de um maior número de empresas instaladas naquela área. No entanto, as regiões metropolitanas ainda continuam recebendo um alto fluxo populacional. Apesar desse ligeiro declínio, a migração nordestina para as regiões Norte e Centro-

Oeste continua expressiva (380.000 pessoas) e durante a década de 90 tem se concentrado em áreas do Pará, Tocantins e nos arredores de Brasília e Goiânia. (IBGE, 2002)

## **1.2 A exploração da mão de obra do migrante**

Conforme Ruy Moreira, em seu livro *O Círculo e a Espiral*, quando fala no “*Homem concreto*”, analisa as questões do homem trabalhador rural assalariado e vendedor de sua força de trabalho para os capitalistas do agronegócio:

O modo como o homem se insere no quadro das formas diferenciadas do mundo que o circunda não é o da história natural pura e simples, mas o dessa história vista no plano da sua transformação em história social pelo trabalho do homem. Enquanto a história humana não atingiu a fase do capitalismo, história natural e história social do homem fundiam-se num plano que era mais o da história natural. O capitalismo introduz uma reestruturação radical na relação homem-mundo, desterritorializando o homem de suas raízes geográficas históricas, para jogá-lo desenraizado nas cidades. E o começo desta forma de alienação humana é a desterritorialização

do campesinato. Este se proletariza e vira homem vendedor-de-força-de-trabalho. Este é o homem real, desconhecido pela estatística. É o Homem concreto. (“Homem concreto” p. 74)

Ruy Moreira relata neste trecho que as relações de trabalho do homem atualmente são diferentes da época em que o camponês vivia da agricultura de subsistência. Hoje o campesinato está quase sendo destruído pelas relações capitalistas de produção, onde o camponês mudou-se para a cidade e tornou-se assalariado no agronegócio, vendendo a sua força de trabalho.

Ainda conforme Ruy Moreira, sobre a mobilidade territorial do trabalho:

Esta mobilidade territorial do trabalho relaciona-se à desterritorialização do campesinato decorrente da expropriação que expulsa o trabalhador de suas terras, forçando-o a deslocar-se permanentemente para onde possa vender sua força de trabalho, a única propriedade que lhe restou, em geral a cidade. Mais que uma migração, trata-se de um total desenraizamento que provoca uma completa alteração no modo de vida da população, que assim deixa de ter uma cultura rural. (Ruy Moreira, pág. 89)

Este fato acontece com o migrante nordestino, que na maioria das vezes, deixa um pequeno pedaço de terra para trás e vem tentar a sorte aqui no sudeste, onde o trabalho no agronegócio das usinas de cana-de-açúcar é melhor, o salário compensa mais do que plantar na sua terra onde faltam investimentos para adquirir insumos agrícolas como adubos, inseticidas, ferramentas, e o principal, a água, pois a seca é a maior inimiga do pequeno produtor nordestino. E vem para nossa cidade, às vezes deixando mulher e filhos para trás, ou às vezes trazendo a família. E com isto há o aumento populacional de Frutal.

### **1.2.1 Conceitos de território, região e lugar.**

No tocante a territórios e desterritorialização, Rogério Haesbaert em seu livro *Territórios Alternativos* (2006) nos dá o conceito de território, região e lugar. Segundo o autor, existem diferentes versões sobre o território. A primeira concepção, que ele chama de “naturalista”, “vê o território num sentido físico, material, como algo inerente ao próprio homem, quase como se ele fosse uma

continuidade do seu ser, como se o homem tivesse uma raiz na terra”. (Haesbaert, 2006, p.118). Isto justificaria a necessidade do território, de seus recursos naturais para a sobrevivência humana.

Também nesta visão naturalista do território temos a emocional e afetiva do homem com o seu espaço, o “espaço vivido”, levando ao equilíbrio e a harmonia homem-natureza, “onde cada grupo social estaria profundamente enraizado a um ‘lugar’ ou a uma paisagem, com a qual particularmente se identificaria”. (Haesbaert, 2006, p.118). Outra definição bem diferente sobre o território é aquela “decorrente do poder de uma classe econômica e ou de um grupo político dominante, como de sua apropriação simbólica, a partir da identidade que cada grupo cultural ‘livremente’ construisse no espaço em que vive”. (Haesbaert, 2006, p. 119) Existe um ponto em comum entre estas diferentes versões. Rogério Haesbaert diz que:

Um ponto comum entre essas diferentes versões sobre território é que ele é sempre visto muito mais dentro das dimensões política e cultural do espaço do que em sua dimensão econômica. Apenas numa dessas vertentes ”naturalistas”, a função econômica torna-se o fundamento da definição de território, enquanto base “vital” de recursos para a



sobrevivência humana. (Territórios Alternativos, 2006)

De acordo com o autor, aqui o sentido da palavra território está mais relacionado com o sentido político, isto é, delimitação de fronteiras políticas, separando um estado ou uma nação do que a sua dimensão econômica. E na visão naturalista, a função econômica ganha importância, uma vez que o homem necessita deste espaço para a sua sobrevivência, ou seja, o “espaço vital” de Ratzel.

Para Haesbaert (2006, p.136) “a região é um espaço (não institucionalizado como Estado-nação) de identidade ideológico-cultural e representatividade política, articulado em função de interesses específicos, geralmente econômicos por uma fração ‘regional’ de classe”. Assim sendo, a diferença de região e de território é que a região está mais relacionada aos fenômenos sociais que se manifestam como os movimentos regionalistas e as identidades regionais, como por exemplo, no Brasil, temos os gaúchos dos pampas sulistas, os baianos, os mineiros e os nordestinos, cada um com costumes diferentes, modo de falar e de viver bem distintos uns dos outros, mesmo porque são influenciados pelo

clima, pela vegetação, pela maneira como foi colonizado.

Com a migração dos nordestinos para as lavouras do sudeste, em especial para o Estado de Minas Gerais e São Paulo, nota-se aí uma desterritorialização e ao mesmo tempo uma reterritorialização dos espaços, influenciados pelo agronegócio formado pelas Usinas de cana-de-açúcar e nas plantações de laranjas. O nosso espaço foi modificado social e economicamente. A cidade de Frutal cresceu muito ultimamente.

Iná Elias de Castro, etc e tal, em seu livro Geografia: Conceitos e Temas, apud Rogério Haesbaert nos esclarecem sobre esta desterritorialização do espaço:

Assim, quando nos reportamos à desterritorialização, precisamos deixar claro se estamos nos referindo à imbricação de suas dimensões: uma política, mais concreta, e outra cultural, de caráter mais simbólico, ou privilegiando uma delas, mesmo porque muitas vezes se tratam de processos não-coincidentes. Embora fronteiras de domínio político possam corroborar e mesmo criar uma identidade cultural, como foi o caso de muitos Estados-nações, nem toda fronteira de apropriação territorial no sentido cultural coincide com e/ou proporciona uma fronteira política concreta. Muitos processos de desterritorialização

contemporâneos, como no caso dos refugiados de Ruanda e dos palestinos, decorrem, pelo menos em parte, dessa desconexão entre territórios no sentido de domínio político e territórios no sentido de apropriação simbólico-cultural. (Castro, Iná Elias de, p. 169, 1995)

No caso em estudo dos migrantes nordestinos, eles perdem o vínculo cultural com seu território quando se mudam para outra região. Assim sendo, a desterritorialização dos nordestinos não é só política, mas sim cultural.

### **1.2.2 Os migrantes trabalhadores no complexo agroindustrial canavieiro**

Vamos agora fazer um estudo das condições de trabalho e o modo de vida dos trabalhadores migrantes nordestinos no corte de cana-de-açúcar na região de São Paulo e Minas Gerais, mais especificamente em Frutal, com a vinda de duas usinas de açúcar e álcool para a nossa cidade nos últimos dez anos.

De acordo com Francisco Alves, e José Roberto Novaes em seu livro Migrantes: trabalho e

trabalhadores no complexo agroindustrial canavieiro (2007),

Atualmente, grande conjunto de trabalhadores, provenientes dos Estados do Maranhão e Piauí\_ número difícil de ser mensurado, pois são volantes e migrantes pendulares\_ viajam mais de cinco dias seguidos para buscar emprego nos canaviais paulistas. Essa viagem é bastante demorada, pois, em geral, é realizada em ônibus clandestinos, por estradas secundárias de terra, para fugir da fiscalização: da Polícia Rodoviária, que impede a circulação de ônibus sem autorizações e sem condições de trafegar em viagens transestaduais; e das Delegacias Regionais do Trabalho, que impedem a circulação de trabalhadores sem que estejam com contrato de trabalho efetivado com as empresas demandantes. São homens jovens, que têm como único objetivo ganhar dinheiro para sustentar suas famílias, que ficaram distantes. (Migrantes, 2007, 21)

Nota-se por meio de entrevistas com migrantes nordestinos de nossa cidade que o modo como fazem esta viagem é a mesma citada pelo autor Francisco Alves em seu livro Migrantes, e que esses trabalhadores só retornam aos seus estados de origem quando termina a safra de cana no Centro-Sul, em

dezembro, próximo do natal. Essa volta à região de origem está condicionada a um conjunto de fatores:

Primeiro, se a safra tiver sido boa o suficiente para pagar a passagem de volta, que é mais cara que a vinda, em razão dos milagres da oferta e procura, e para voltarem para os seus roçados de subsistência que abandonaram para ganhar dinheiro no corte de cana. Segundo, se não tiverem ficado doentes no trabalho, tendo a saúde necessária para acumular o dinheiro da entressafra. Ou então se tiverem sobrevivido ao trabalho no corte de cana, que às vezes é muito exaustivo, e por último, se suas mulheres, deixadas sozinhas por tanto tempo, sem notícias e com dúvidas, não tiverem decidido arranjar outro marido.

Conversa de um entrevistado no livro *Migrantes*, de Francisco Alves:

“Moço, eu só corto cana porque preciso.”

“Cortar cana não é trabalho de gente, é trabalho de bicho.”

“Cortar cana encurta a vida.” (Migrantes, 2007, p. 22)

Segundo Francisco Alves et al (2007) no final dos anos de 1980 e início da década de 1990

houve uma modernização da colheita de cana, que ocorreu principalmente depois das greves dos trabalhadores da região de Ribeirão Preto, e também ganhou um aliado, que foi a luta contra as queimadas, que mobilizou uma grande parcela da sociedade civil que reclamava contra a poluição do ar provocada pelas mesmas, afetando a saúde dos moradores próximos dos canaviais. De acordo com Francisco Alves (2007):

O problema, na época, analisando a aparente irreversibilidade do processo de mecanização do corte de cana, era como a sociedade poderia criar novos postos de trabalho que propiciassem aos trabalhadores que não mais cortariam cana condições de vida e trabalho dignas, cidadãs, quer em seus locais de destino, quer em seus locais de origem. (Migrantes, 2007, p.22)

Percebe-se então que seria necessária a criação de políticas públicas que resolvesse os problemas dos trabalhadores locais e a maioria de migrantes, que deixavam suas terras para vir trabalhar em um serviço em condições precárias, e que necessitava de outro, que não poderia ser da

mesma forma, isto é, não poderia ser precário também.

Na época, “passou-se a acreditar que a luta contra as queimadas seria vitoriosa e provocaria a total mecanização da colheita, além de liberar os trabalhadores daquele trabalho que encurta a vida, aleija e mata”. (Alves, 2007, p.23). Mas não foi o que aconteceu, pois em 1998, foi realizada uma combinação entre representantes da Câmara Setorial Sucroalcooleira Paulista no Palácio dos Bandeirantes que acordou para o fim da queima da cana no Estado de São Paulo em 2006. Mas a Assembleia Legislativa criou outra lei estendendo o fim da queima de cana para 2034, ganhando assim a queima mais trinta anos. De acordo com Francisco Alves:

Com a lei da regulamentação das queimadas, o trabalho manual do corte de cana não apenas permaneceu, não foi substituído pelas máquinas, mas se expandiu em termos de produtividade. Se, na década de 1980, um cortador, em média cortava seis toneladas de cana em um dia de trabalho, nos anos 1990 e na presente década os trabalhadores têm declarado que cortam no mínimo dez toneladas por dia, para se manterem empregados. Caso os trabalhadores não consigam manter essa média nos

dois primeiros meses de experiência, eles são substituídos por outros. (Migrantes, 2007, p.23)

Analisando estes dados verifica-se como o trabalhador das usinas de cana de açúcar e álcool é explorado. É submetido a um trabalho exaustivo, pois se quiser manter-se empregado tem que cortar doze toneladas de cana por dia. E nos dois primeiros meses de experiência, não pode ficar nem doente, pois se tiver muitas faltas é dispensado também. Aí surge a pergunta. Por que estas pessoas deixam sua terra natal e vem de tão longe para o trabalho de cortar cana?

Segundo Francisco Alves (2007, p. 24)

O Complexo Agroindustrial Canavieiro vive um novo momento de um velho processo. Tal processo, típico das décadas de 60, 70, e 80, durante outros períodos de expansão, consiste no crescimento do complexo canavieiro no Centro-sul e na expulsão de trabalhadores nas regiões onde ainda predomina a pequena produção familiar. Portanto, trata-se de um processo de acumulação primitiva, que libera trabalhadores, em uma ponta, tendo em vista que não permite que sobrevivam de sua produção agrícola independente, e os emprega, na outra, sobre



condições precárias de elevada penosidade, para que atinjam produtividades elevadas. (Migrantes, p.24)

Observa-se que, portanto são dois movimentos em que um está relacionado com o outro, pois a ocorrência do primeiro, que é o aumento da produção da cana de açúcar e do álcool no Centro-sul, necessita do outro, que é a expulsão ou a impossibilidade de sobrevivência dos trabalhadores ligados à agricultura familiar no Nordeste. Assim ocorre a migração em grande quantidade destas pessoas sofridas pelo agravamento das secas e da falta de emprego no interior do Nordeste vindo trabalhar aqui no sudeste.

Outra questão observada nesta pesquisa foram as irregularidades encontradas no agronegócio como o trabalho escravo, que será discutida com mais detalhes em outro capítulo.

Em pesquisa de campo, verificamos que os migrantes nordestinos são pessoas humildes e honestas, vivem nos bairros da periferia de Frutal, em grande parte. A maioria paga aluguel, visto que muitos são migrantes temporários. Ganham mais ou menos dois salários mínimos, de acordo com a produtividade. Eles contribuem para o desenvolvimento da região, pois aumentam a força

de trabalho nas usinas, uma vez que os trabalhadores de nossa cidade exercem cargos como de motoristas dos ônibus e caminhões, chefes de turmas e serviços administrativos internos.

Aqueles que já estão aqui há mais tempo e já trouxeram a família, os filhos já estão estudando na escola, estão mais acostumados com a cidade e já se adaptaram com o modo de vida de Frutal, e possuem um círculo de amizades. Já aqueles migrantes sazonais, que vêm sozinhos para trabalhar somente na safra e depois voltar no final do ano, são mais fechados em seu círculo de amizade, raramente saem de casa a noite, vivendo mais para o trabalho, para juntar dinheiro e voltar para casa no final da safra.

## **2 OS MIGRANTES NORDESTINOS EM FRUTAL**

De acordo com pesquisas, aqui em Frutal, principalmente nas escolas onde temos muitos alunos filhos de migrantes, são de três estados nordestinos, Pernambuco, Alagoas e Bahia que são a maioria, que vieram para trabalhar nas lavouras de laranjas e mais recentemente, com a abertura de duas usinas de açúcar e álcool, a Usina Frutal e a Usina Cerradão. Vieram em busca de uma vida melhor, de salários melhores, deixando muitas vezes esposa e filhos. Depois quando se estabelecem na cidade, trazem a esposa e os filhos, que chegam às nossas escolas com o ano letivo em curso, e às vezes não conseguem acompanhar a turma, pois o ensino aqui é mais adiantado do que o de lá. Geralmente, quando a criança está no 2º ano do Ensino Fundamental, já deveria estar alfabetizada e o que acontece com nossos pequenos migrantes é que eles não estão. Então para resolver o problema, o aluno muitas vezes tem que cursar o 1º ano novamente, ou então fazer aula de reforço extra-turno, pois senão ficará com defasagem de aprendizagem para o resto de sua vida escolar, podendo ocorrer mais tarde a evasão.

Outra dificuldade detectada na Escola Municipal Necime Lopes da Silva e também no município em relação à migração de algumas pessoas do nordeste para a nossa cidade, é que às vezes eles se mudam no meio do ano e depois não procuram a escola para matricular seus filhos, só fazendo isto no início do ano seguinte. Com isto a criança não conclui aquele ano/série, tendo que repetir o mesmo no ano seguinte. Este caso já foi observado na escola mais de uma vez. Quando interrogados eles dizem que é por falta da transferência escolar que não trouxeram ou que não encontraram vaga na escola.

A seguir, fotos da Escola Municipal Necime Lopes da Silva, situada na Avenida Brasília, número 01.001, no bairro Novo Horizonte, em Frutal, Minas Gerais.



**Figura 1: Entrada da Escola Municipal Necime Lopes da Silva. Fonte: Reis, Nerci Aparecida 31/07/12.**



**Figura 2: Biblioteca da Escola Municipal Necime Lopes da Silva de Frutal, MG. Fonte: Reis, Nerci Aparecida 31/07/12.**

Outro fato observado também é que estas pessoas migram para nossa região mais por um

problema de sobrevivência, pois o trabalho braçal não é um trabalho qualificado, e estes vão aumentar a fila dos “boias- frias”, que não são bem remunerados. Poucos são os migrantes nordestinos que têm Ensino Fundamental completo, muitas vezes são até analfabetos. Mas mesmo assim, ainda encontram na região de Frutal ou do Estado de São Paulo, mais chances de trabalho e melhores condições de vida, uma vez que no Nordeste existe a seca que atrapalha muito a lavoura, e o salário também é bem menor do que o que se paga aqui, além de políticos incompetentes que pouco fazem para resolver o problema da miséria e da fome do sertão. O que se observa no Nordeste é um litoral mais desenvolvido, com um potencial turístico muito grande e a presença de grandes empresas, enquanto o interior é muito pobre.

De acordo com Lygia Terra et al.(2010) “além das migrações interestaduais e intrarregionais, outros deslocamentos da população se destacam , entre eles as *migrações sazonais*,ou seja, aquelas realizadas temporariamente em determinadas épocas do ano”. É o caso dos trabalhadores rurais que se deslocam para trabalhar em certo lugar e quando acaba a safra como a da cana-de-açúcar ou da laranja, como em Frutal, eles voltam para a sua terra

de origem pra trabalhar nas lavouras de subsistência. O fato foi observado também nas escolas de Frutal, pois os pais pedem a transferência escolar do filho, muitas vezes o ano letivo ainda nem se encerrou, mas eles já têm data da viagem marcada. Assim sendo, o filho fica prejudicado na aprendizagem e os pais estão mais preocupados é em voltar para sua terra natal. E também acontece de viajarem para lá por problemas familiares, ou para visitar um parente doente, ficam dois meses mais ou menos, e depois voltam trazendo a criança que, novamente vai ser prejudicada no processo de aprendizagem na escola. Quanto às crianças, também sentem a falta dos pais no auxílio das tarefas de casa, pois a mãe também acompanha o esposo no trabalho da lavoura, só chegando à tarde em casa, deixando seus filhos com as babás, isto é, uma mulher que as mães pagam para tomar conta de seus filhos enquanto vão para a lavoura. É o modo de vida desse povo sofrido, que luta pela sobrevivência de um modo penoso. Nesse sentido, a escola Municipal Necime Lopes da Silva cria situações que auxilia as dificuldades destas crianças, minimizando o problema da evasão e repetência escolar, como as aulas de reforço extraturno com professora recuperadora.

Muitas mulheres não se adaptam aqui, onde o clima é diferente, pois nós temos inverno mais frio que no nordeste, além de deixarem os pais e parentes, se sentem desenraizadas, num lugar de cultura diferente (pois sabemos que cada região brasileira tem costumes diferentes) e acabam voltando para sua terra natal, onde muitas vezes deixaram suas casas em uma pequena propriedade rural, e até deixando o marido para trás para trabalhar por mais um tempo.

Este é o resultado do modo de produção capitalista, pois mesmo fugindo da miséria de sua terra natal, continuam vivendo e situação de pobreza e de exclusão social, vítimas de preconceito. “Por trás das migrações escondem outros aspectos negativos como: a distância do lugar de origem, o desenraizamento cultural, a desestruturação da identidade com o lugar e com as pessoas, a exclusão social, a rejeição e a dificuldade de inserção no lugar de chegada”. (Lygia Terra et e tal. 2010)

No final do ano, quando a safra da laranja acaba, ou as Usinas de cana-de-açúcar param com o corte da cana, na Escola Municipal Necime Lopes da Silva existe um aumento muito grande de pedidos de transferências, quando muitas famílias estão voltando para o seu estado de origem. Muitas nem esperam o ano letivo terminar e se mudam, dizendo que a



passagem já está comprada e elas têm que voltar naquela data. E quando começa a safra, é outra turma que chega às nossas escolas em busca de vagas para matricularem seus filhos.

Foi constatado também, em entrevistas com mães de alunos vindas do nordeste, que elas migram para cidade de Frutal, moram aqui por algum tempo, colocam os filhos na escola, depois voltam para sua cidade natal, ficam lá certo tempo, como um ano ou dois, e depois voltam novamente para trabalhar em Frutal, trazendo consigo os filhos pequenos que tem que se adaptar novamente nas escolas de Frutal. Esta mudança de escola e de região atrapalha o rendimento escolar das crianças.

Na hora da matrícula destes pequenos alunos, a própria mãe diz que lá onde moravam as crianças não aprendem como aqui, pois na maioria das vezes moravam na zona rural, ou em pequenos vilarejos onde a realidade socioeconômica é bem diferente da nossa cidade de Frutal. Outro fato observado é que os migrantes nordestinos são de famílias muito humildes, na maioria das vezes são pobres mesmos, que vêm para Frutal em busca de um emprego melhor, de salários e condições de vida melhores também.

“É importante lembrar, ainda, que o caráter temporário do trabalho, sobretudo a partir do surgimento das usinas na década de 1960, na verdade define-se pela permanência do temporário, ou seja, trata-se do temporário que se repete indefinidamente”. (Alves, et e tal 2007, p.68) No caso de Frutal estamos observando esta migração temporária nas últimas décadas, na safra da laranja e recentemente com a abertura de duas usinas de açúcar.

## **2.1 Entrevistas com migrantes nordestinos em Frutal**

Em entrevista com uma mãe de aluno da Escola Necime Lopes da Silva em julho de 2012, senhora M1, 30 anos, separada do marido, um filho no 5º ano e grávida de nove meses, vinda da cidade de Solonópole, do estado do Ceará, pela segunda vez, constatamos como é a sua realidade de vida.

Foi perguntado para a senhora M1:

Por que você voltou pra Frutal?

M1: Porque gosto do clima daqui, lá é seco e muito quente. Por exemplo, de fevereiro até 29 de junho

não choveu nem uma vez. A terra chega a rachá, o açude secou. Aqui tem mais diversão. Os homens de lá vem para o Sudeste trabalhar e deixa suas mulheres e os filhos por lá, esperando.

Como era a escola que o seu filho estudava?

M1: A escola lá é boa, mas só que meu filho aprendeu a ler e escrever foi aqui, pois quando mudei pra cá da primeira vez, eu tive que ajudar em casa dando reforço. Ele era muito atrasado. Lá o transporte escolar é muito perigoso. Eu ficava rezando para não ter nenhum acidente, pois as crianças ia para a escola em um caminhão chamado “pau-de-arara”, sentados em bancos de tábuas e coberto por uma lona azul. Ia crianças da creche, de dois anos misturados com os alunos maiores até a 8ª série. O prefeito da cidade não comprou ônibus nem perua para o transporte da escola do distrito de Pasta até Solonópole. Por isso era de caminhão que viajava mais ou menos de 30 a 40 alunos. Mas a merenda escolar era boa, esta não faltava.

Quando você chegou aqui, de que você mais gostou?

M1: Ah eu estava separada do marido, né? Aqui o povo é muito bom, ajuda as pessoas. Quando cheguei aqui, fui na rádio 97 FM e pedi um berço para meu neném. Então o moço falou para eu contar a minha história e eu contei. Então eu ganhei cama, geladeira, um fogão, colchão e o berço. Ganhei uma cesta básica também. Já ganhei muita roupa de bebê. Mas

ainda não tenho guarda roupa e nem cômoda para guardar as roupas do neném.<sup>2</sup>

Esta é uma história parecida com muitas outras que se ouve na escola, de uma mãe que se muda do nordeste pra cá, mora um ou dois anos, e depois resolve voltar para a sua terra natal por motivos familiares e depois retornam a Frutal, dizendo que não querem morar mais lá, pois aqui é bem melhor pra se viver.

A seguir vemos a figura de um transporte chamado “pau-de-arara” ainda usado no Nordeste para transportar alunos para as escolas do interior.



**Figura 3: pau-de-arara. Transporte de passageiros usado no Nordeste, para transportar alunos.  
Fonte: Google imagens**

---

<sup>2</sup> Pesquisa de campo realizada por Nerci Aparecida dos Reis, com uma migrante nordestina (M1) em Frutal, MG em julho de 2012.



**Figura 4: pau-de-arara para transportar alunos.**  
**Fonte: Google imagens**

Em entrevista com outra mãe de aluna da mesma escola citada acima, Dona C<sup>2</sup>, Paraibana, veio da cidade de Buíque, PE e seu marido V<sup>2</sup>, de Serra Talhada, PE, trabalhadores na lavoura colhendo laranja. Eles têm três filhos pequenos, dois ficam na creche, e a mais velha está matriculada no 2º ano da escola, mas repetindo o 1º, pois não conseguiu acompanhar a turma, devido ter viajado para o Pernambuco no ano de 2011 e estudado lá por três meses. Foi perguntado para o casal:

Por que você e seu marido vieram para Frutal?

C<sup>2</sup>: Porque lá não tem trabalho. Meu marido veio primeiro em 2008 e voltou para o Nordeste. Depois veio de novo prá cá, porque aqui ganha melhor. Agora faz quatro anos que estamos morando fixo aqui. Lá a pessoa ganha 30 reais por dia, dependendo do serviço. E aqui, dependendo do que trabalha ganha 600 reais por quinzena, mais ou

menos. Meu marido tem um amigo que recebeu 823,00 numa quinzena.

Por que vocês acham que o ensino de lá, do Pernambuco é mais atrasado do que aqui em Frutal?

V<sup>2</sup>: Porque lá eles vão passando o aluno sem saber, os professor ensina, só que os alunos que não aprende, eles passa assim mesmo. Eu fiz até o 2º ano do Ensino Médio, mas acho que se for continuar os estudos aqui, tenho que voltar para a 8ª série.

Vocês se adaptaram aqui, ou tem vontade de voltar pra sua terra?

C<sup>2</sup>: Ah, se eu não conseguir ganhar uma casa aqui, eu tenho vontade de voltar sim, porque aqui as coisas são muito caras. Lá tudo é mais barato, roupa, feira, tudo. É porque lá está perto de Caruaru, que é uma cidade bem maior. Lá tem muita plantação de frutas, como goiaba, caju, etc. e legumes.

Lá nesta região tem seca como no sertão?

V<sup>2</sup>: Lá é diferente. Fica no Agreste, onde chove mais. Só que está perto do sertão nordestino. Lá tem uma empresa que chama “Amigos do Bem” que faz doação e patrocina as lavouras de frutas para as pessoas trabalharem.<sup>3</sup>

Finalizando a entrevista, C<sup>2</sup> diz que tem vontade de voltar para sua terra, apesar do marido dizer que

---

<sup>3</sup> Entrevista realizada com C2 e V2 migrantes do estado do Pernambuco, por Nerci Aparecida dos Reis.

não quer voltar. Ela diz que aqui suas despesas ficam muito caras, pois paga por mês 300 reais de aluguel, mais 200 reais para uma moça tomar conta de seus filhos pra ela ir para a lavoura, mais água e luz que aqui é mais caro.

Em outra entrevista realizada com uma migrante nordestina que tem filhos na Escola Municipal Necime Lopes da Silva, dona C<sup>3</sup>, 43 anos, parda e o marido Sr. G<sup>3</sup>, 48 anos, negro, constatamos como é dura a realidade destas pessoas, que começa a trabalhar muito cedo na lavoura e com isto acaba perdendo a saúde cedo também. O casal veio da cidade de Mata Grande, Alagoas, um pequeno município que fica no interior, na divisa com a Bahia, perto da cidade de Paulo Afonso. Eles têm dez filhos vivos, pois morreram dois, sendo que o mais novo tem três anos e nasceu em Frutal. Já possuem cinco netos também aqui em Frutal, sendo que o mais velho já tem seis anos e está na escola. Agora estão voltando para Alagoas e deixando aqui quatro filhos já casados, que trabalham na lavoura de laranja. Foi questionado por que e quando vieram para Frutal e eles contaram sua história:

Por que vocês vieram pra Frutal e quanto tempo estão morando aqui?

C<sup>3</sup>: Eu vim pra Frutal no ano de 2008 e meu marido veio primeiro, em 2002, pra trabalhar na plantação de cana-de-açúcar e aplicar veneno também. Ia trabalhar na usina e deixava os filhos menores com minha filha mais velha de 17 anos. Depois eu parei de trabalhar na lavoura por problemas de saúde, né?

Lá em Alagoas vocês trabalhavam em que?

G<sup>3</sup>: Lá eu trabalhava na Usina Coruripe, mas eu vim pra trabalhar na Usina Coruripe daqui. A precisão que

obrigou, né! Porque o ganho de lá é pouco. Lá tem seca, fica até seis meses sem chover.

Como foi a viagem de vocês? E como foi quando chegaram aqui?

C<sup>3</sup>: A gente viajou três dias de ônibus clandestino. Quando cheguei gostei daqui. A cidade é boa. Meus filhos aprenderam a ler de verdade foi aqui, porque as duas crianças mais novas tiveram que fazer o 1º ano novamente. O que começou a estudar aqui sempre foi bem na escola, não teve que repetir o ano. Hoje tem duas crianças no 5º ano e um no 4º ano. Os outros estão noutra escola, no 6º e 7º ano.

Mas agora vocês estão voltando para Mata Grande por quê?

C<sup>3</sup>: Meu sonho é voltar pra minha terra. Porque a minha mãe está doente. O lugar aqui é bom. Aqui se trabalha muito, mas não consegue juntar dinheiro. Trabalha pra viver. Porque o custo de vida é mais caro do que lá. Aqui tem que ter casa própria, pelo menos. Pago 300 reais de aluguel.

Senhor G<sup>3</sup>, quanto ganha um cortador de cana por mês aqui?

G<sup>3</sup>: Agora, do jeito que as coisa tá, com a crise, o bom mesmo chega até ganhar 1300 reais, o mais fraco ganha uns 900 reais. Em 2001, em Alagoas, eu ganhava mais ou menos dois salários mínimos. Isso só seis meses do ano. Depois encerrava o contrato e liberava todo mundo. Aí a pessoa ia para casa, para o interior plantar feijão ou milho e pedindo a Deus para cair chuva. Se não chovesse, passava aperto. Lá no inverno, de março a agosto chove.



E hoje em dia o senhor ainda trabalha na plantação de cana?

G<sup>3</sup>: Não, hoje trabalho no abacaxi, mas sem registro na carteira. Afastei da cana por problemas de saúde, da coluna. Tenho problemas de hérnia de disco. Comecei a trabalhar desde os 15 anos de idade, no corte e plantio de cana. Trabalhei desde criança, ajudando os pais na lavoura e estudei só a noite. Depois que saí da usina, fui trabalhar uns dias na laranja, mas não aguentei. Hoje não tenho mais condições de trabalhar na lavoura de cana, por que tenho três hérnias de disco na coluna. Já fiz muito exame médico.

O senhor lembra quantos metros de cana cortava por dia?

G<sup>3</sup>: Cortava até 250 m de cana por dia, que dá mais ou menos 12 toneladas. A cana em pé é melhor para cortar, mas só que paga menos (0,20 centavos o metro). Dá para ganhar 50 reais por dia, mais ou menos 1300 reais por mês. A cana deitada, eles pagam 0,35 o metro, mas dá mais trabalho para cortar.<sup>4</sup>

Encerrando a entrevista, o casal mostrou uma sacola com vários exames que o senhor G<sup>3</sup> fez, inclusive uma tomografia e um atestado médico dizendo que ele estava impossibilitado de trabalhar. Perguntado se não procurou por um advogado para ver se conseguia aposentar, ele disse que achava

---

<sup>4</sup> Entrevista realizada por Nerci Aparecida dos Reis com C3 e G3 migrantes nordestinos de Alagoas.

difícil ficar andando atrás disso. Se eles não estivessem voltando para sua terra natal, poderia ver se conseguia na Promoção Humana de Frutal.

## **2.2 A colheita da cana-de-açúcar**

De acordo com Alves et e al (2007, p. 24) “Desde o período Colonial até a década de 1940, a produção de açúcar para a exportação tinha o Nordeste como sua principal região produtora”. Mas após a Segunda Guerra Mundial, este quadro mudou, pois a região Sudeste, principalmente o estado de São Paulo, aumentou a sua capacidade de produção de açúcar para abastecer o mercado interno urbano, e se tornou a principal região produtora. A produção de açúcar do Nordeste era menor do que a do Sudeste, mas era destinada principalmente à exportação, sendo esta garantida pelo Estado. Em 1990, a região Nordeste deixou de ter o monopólio das exportações brasileiras de açúcar. Temos aí o agravamento do desemprego, que aliado a outros fatores se torna um dos motivos que estes trabalhadores rurais migram para o sudeste.

Alves et e tal (2007, p. 25) ao abordar sobre o complexo canavieiro no Sudeste destaca que:

[...] na década de 1970, quando as usinas , principalmente paulistas, haviam expandido sua capacidade produtiva e a economia brasileira atravessava seu período de crescimento acentuado, batizado pelos militares de milagre econômico, o complexo do agronegócio canavieiro viveu um momento de tensão, provocado pela possibilidade de faltar braços para que o complexo mantivesse sua expansão.

Observa-se que apesar da modernização da agricultura esta não acompanhou a necessidade do agronegócio canavieiro para atender o crescimento das exportações, não avançou igualmente todas as etapas do ciclo da produção da cana-de-açúcar. O processo de produção da cana, mesmo com a modernização, precisava de vastas áreas plantadas que por isso acarretava a necessidade de mais força de trabalho agrícola. A mecanização agrícola se processou apenas em partes e a fase de plantio da cana necessita de vários trabalhadores.

A fase de colheita da cana-de-açúcar é formada de três atividades: o corte, carregamento e transporte. Mas apenas as atividades de carregamento e transportes foram mecanizadas. A colheita, que é o ato de cortar a cana e prepará-la para o carregamento,

permaneceu manual. Então os usineiros enfrentaram o problema da falta da mão de obra barata, pois o Sudeste estava em pleno desenvolvimento industrial. E se contratassem estes trabalhadores urbanos, teriam que pagar melhores salários e com todos os direitos trabalhistas, reduzindo assim o lucro. Então, para sanar este problema começaram a migrações internas de outros estados, principalmente do Nordeste.

De acordo com Alves et e tal (2007, p. 26) o complexo agroindustrial canavieiro sofreu um novo momento de expansão com a instalação do Proálcool. E com isso a demanda por mais força de trabalho aumentou. Ele nos diz que:

Em meados da década de 1970, quando ocorreu novo momento de expansão da lavoura canavieira, provocada pela produção do álcool e pelo programa que o incorporou à matriz energética brasileira, o Proálcool, novamente ficou tensa a questão da força de trabalho para atender à expansão da produção. Novamente foi o processo de expulsão de trabalhadores ocupados com a agricultura familiar que disponibilizou trabalhadores para o CAI canavieiro, o qual não teve de disputar trabalhadores com o setor urbano, provocando a subida de salários e a incorporação dos direitos trabalhistas a essa massa de trabalhadores. (Alves et e tal 2007, p. 26)

É importante observar que neste período analisado, de 1970 a 1985 e de 1985 até os dias atuais, a expansão do agronegócio canavieiro necessitou da liberação de mão de obra de trabalhadores originários da agricultura familiar, muitos dos quais eram migrantes Nordestinos ou do norte do estado de Minas Gerais, que muitas vezes, por falta de programas de incentivo do governo, passavam dificuldades financeiras e iludidos pela oferta das usinas canavieiras, arrendaram suas terras para as mesmas e se transformaram em assalariados das grandes corporações das usinas de açúcar e álcool. [...] “Mas este processo de expulsão de trabalhadores do campo, não implicou na chegada da modernização, traduzida em utilização de máquinas, nas etapas de plantio e corte de cana, as etapas de maior demanda de força de trabalho”. (Alves et al, 2007, p.26). E assim sendo as usinas continuaram a explorar um amplo contingente de trabalhadores braçais em suas lavouras de cana-de-açúcar.

Outro fator importante constatado nesta pesquisa é que o trabalhador que vai trabalhar no corte de cana gasta muita energia, tal qual um atleta de corridas. Na maioria são trabalhadores de pouca massa muscular, corpo magro, com pouca gordura e muita resistência física e habilidade na realização do

trabalho. “Para os cortadores de cana é fundamental a resistência física, necessária para a realização daquele conjunto de atividades repetitivas e exaustivas, realizadas a céu aberto, sob o sol, na presença de fuligem, poeira e fumaça”. [...] (Alves et. e tal, 2007 apud Alves,2006, p.33) E isto tudo, por um período que varia de 8 a 12 horas de trabalho diário.

Portanto, considerando todo o processo de trabalho nas lavouras canavieiras, não é qualquer trabalhador que tem a disposição e resistência física para realizar esse conjunto de atividades. Apenas trabalhadores que já tenham o corpo preparado para realizar essa atividade poderão suportá-la durante toda a safra.

A seguir, segue o depoimento de um migrante nordestino chamado J4, 24 anos, vindo do Piauí, entrevistado em 24/07/2012 no bairro Princesa Isabel, de Frutal, contando por que veio para Frutal e descrevendo o corte de cana:

Qual é o motivo que trouxe você para Frutal?

J4: Eu vim por causa de serviço, pra trabalhar na cana-de-açúcar em Olímpia, estado de São Paulo, em 2007. Lá falta serviço, eu trabalhava na plantação de arroz, para a família de onze irmãos.

Como era o clima da região que você morava?

J4: Lá não tinha seca, mas a gente ganhava muito pouco. Hoje ganha por dia mais ou menos 25 reais, enquanto que aqui, dependendo da produção, ganha de 50 até 100 reais por dia.

Por que você parou de trabalhar na Usina de açúcar?

J4: Por que venceu o contrato. Depois fui panhá laranja, com carteira assinada. Eu recebia por produtividade e ganhava mais ou menos 700 reais por mês em 2009. Agora estou trabalhando de servente de pedreiro, o serviço é mais leve.

Como é a rotina de quem trabalha na lavoura de cana-de-açúcar?

J4: “A gente sai de casa às 4 h da manhã e volta às 16 h, trabalhando 12 horas por dia.” Por que o serviço é repetitivo, dá muitas câimbras. Nos dois anos que trabalhei na lavoura de cana-de-açúcar, vi muitos colegas passar mal com câimbras e vômitos também, pois às vezes algumas pessoas nem almoçava e só bebia água. Ao invés de almoçar às 11 h, pegava a marmitta e comia às 7 h e trabalhava direto até as 16 h. Por isso passava mal. Para não dar câimbras, eles comia banana ou amarrava borracha na perna.

Você gosta de Frutal?

J4: Sim, já acostumei aqui. Acho aqui melhor, porque não falta serviço e a gente ganha melhor, apesar do serviço ser bem mais cansativo. Quem não tem produtividade recebe somente o salário mínimo,

mas ainda assim, aqui é melhor, pois tem mais serviço.<sup>5</sup>

Foi também realizada outra entrevista em julho, na cidade de Frutal com A5, irmão de J4, também vindo do Piauí.

Qual é o motivo que trouxe você para Frutal?

A5: Vim prá trabalhar, porque lá falta serviço. A primeira vez que vim prá trabalhar na cana foi em 2006. Eu morava no interior, num sítio. Plantava arroz, milho e feijão a meia. Lá as pessoas ganha muito pouco. Depois eu trabalhei numa das maiores usinas de cana-de-açúcar do Brasil, no estado do Piauí. Chamava “Grupo Olho d’água”. Na época lá trabalhava mais ou menos 2.500 cortadores de cana, enquanto que na Usina Cerradão de Frutal tem mais ou menos 130 cortadores, porque tem muita máquina para cortar a cana.

Ainda tem muito cortador de cana manual nas Usinas de Frutal?

A5: Não. Na Usina Frutal o corte de cana está quase tudo mecanizado.

O que você acha da mecanização das lavouras de cana-de-açúcar? Ela é boa ou ruim?

A5: Prá nós ela é ruim. Acredito que vai ter muito desemprego. A solução vai ser a construção civil para dar serviço para este pessoal.

---

<sup>5</sup> Entrevista realizada por Nerci Aparecida dos Reis, com J4 e seu irmão A5 vindos do estado do Piauí.



Qual é o seu cargo na Usina Cerradão?

A5: Meu cargo é de apontador. Eu anoto numa planilha a quantidade de metros de cana a pessoa cortou num dia. Dependendo da cana, a pessoa corta até 500 m, que dá 25 toneladas por dia. Aqui nesta usina não tem meta, cada um corta o tanto que pode. Nas usina do estado de São Paulo, quem não atingia a meta de 12 toneladas no mínimo por dia, podia ser dispensado.

Você já viu um amigo seu passar mal na lavoura?

A5: Na usina Cerradão não, mas na região de Olímpia, SP, em 2006 morreu duas pessoas por causa do trabalho. Dava câimbras, vômitos, diarreia por causa do sol quente e do esforço. As pessoas trabalhava sem parar para comer e só bebia água.

Você sai para passear aqui em Frutal? Você tem esposa?

A5: Não. Só vou no bar da esquina tomar umas cerveja. No ano de 2011 eu trouxe a mulher e dois filhos, um de três e o outro de sete anos, mas ela morou aqui uns dois meses e voltou para o Piauí, porque não quis ficar longe de sua família. Agora eu trabalho e mando dinheiro para lá.

Quanto tempo você pretende ficar em Frutal?

A5: Quero ficar aqui por mais tempo, uns três anos e depois se mudar para São Paulo ou Campinas.

O entrevistado A5 mora numa casa muito simples, sem muitos móveis, junto com outro nordestino de Santa Inês, do Maranhão. Está aqui faz

somente um ano e já trabalhou na Cutrale por uma safra. Quando encerrou o contrato foi trabalhar na Usina Cerradão por três meses. Terminada a safra foi dispensado e agora está trabalhando na lavoura de abacaxi, ganhando 50 reais por dia, mas sem registro na carteira. Diz que trabalhar assim ganha mais. Diz que gosta de nossa região, pois aqui é bom para trabalhar, nunca faltou serviço.

Foi realizada também uma pesquisa junto ao escritório da Usina Cerradão, para saber o número de migrantes nordestinos e verificou-se que o número de migrantes que vieram para Frutal nos últimos anos foi o seguinte:

**Tabela 2: Relação de Funcionários da Usina Cerradão**

<b>RELAÇÃO DE FUNCIONÁRIOS DA USINA CERRADÃO</b>					
<b>ANOS</b>	<b>2008</b>	<b>2009</b>	<b>2010</b>	<b>2011</b>	<b>2012</b>
Sergipe	12	15	34	25	61
Bahia	45	69	56	59	55
Maranhão	22	19	45	108	79
Pernambuco	16	57	48	95	55
Ceará	04	18	16	46	19
Paraíba	02	31	12	08	32
Total	101	209	211	341	301

**Fonte: RH da Usina Cerradão, Frutal MG. (2012)**

Nota-se que destes estados, a Bahia é o que mais exporta trabalhadores para a Usina Cerradão, seguido Maranhão e do Pernambuco. E que no ano de 2011 o número de migrantes nordestinos já triplicou em relação ao ano de 2008. O Estado do Piauí nem aparece, pois são em número bastante reduzido.

Analisando os dados fica uma pergunta: por que as usinas do Sudeste, que atravessa, nesse momento, um novo período de expansão, necessitam de trabalhadores vindos de regiões tão distantes? Por que esses trabalhadores vêm de tão longe para o trabalho de cortar cana, sendo este serviço tão pesado?

Os nordestinos vêm para o Sudeste, porque no corte de cana está a esperança de “ser alguém na vida”, e para isto eles aproveitam a oportunidade de trabalho, um pouco escassa em sua terra natal. Mas nem sempre estes vão cortar cana, muitos vão trabalhar em outro tipo de agricultura, ou mesmo no setor de construção e no comércio urbano.

### 2.3 Os colhedores de laranja

Quanto aos colhedores de laranjas, foi realizada uma entrevista numa casa situada na Avenida Rio de Janeiro, no bairro Nossa Senhora Aparecida de Frutal/MG. Nesta moravam oito trabalhadores, quase todos parentes, como o pai (de 40 anos), o filho (de 20 anos), um jovem de 18 anos, primo e outros homens de vinte e poucos anos, todos trabalhadores na colheita de laranja. Eles são migrantes dos estados do Pernambuco, da cidade de Itaíba, do Maranhão e da cidade de Canapi, de Alagoas.

São migrantes temporários, pois vão ficar aqui durante a safra da laranja, depois voltam para o nordeste pra visitar a família e depois retornam na próxima safra.

Por que você veio para Frutal?

C6: Porque aqui tem bastante serviço. Aqui é o contrário da minha terra, que falta serviço.

Lá na sua cidade você trabalhava no que?

C6: Lá trabalhava na lavoura de feijão, só para o gasto, de meeiro. Às vezes faltava chuva e perdia a plantação.

Quanto tempo você pretende ficar em Frutal?

C6: Vou ficar durante a safra da laranja. Depois volto para Alagoas. E no ano que vem, volto de novo.

Você é casado? Está gostando daqui?

C6: Sim. Deixei lá a mulher com uma filha de quatro anos. Trabalho e mando o dinheiro para ela que ficou lá. Estou gostando daqui, já me acostumei.

Como é a rotina de trabalho na lavoura de laranja?

C6: A gente sai de casa às 5 h da manhã e volta às 17 h. Mas levantamos às 3 h pra fazer o almoço pra levar. O trabalho é cansativo, pois a gente ganha é por produção. Eu panho de 80 a 90 caixas de laranja por dia, meu amigo A7 panha de 60 a 80 caixas e G8 de 100 a 180 caixas dependendo da laranja. A gente carrega mais ou menos 30 Kg de laranja nas costas direto. Com isso a noite a gente sente dor nos ombros. Existe algumas mulheres na colheita de laranja também.

E vocês tem uma hora para almoçar?

C6: Antes do Sindicato regular a hora do almoço a pessoa só almoçava e pegava de novo, sem parar. Com isto, que é bom ganha de 800 a 1200 reais por mês. Agora a gente ganha o Ticket alimentação de 150,00. Começou agora neste mês.

Como é o problema do veneno que passam na laranja?

C6: Alguns sente dor de cabeça, tosse e dá coceira por causa do veneno.<sup>6</sup>

---

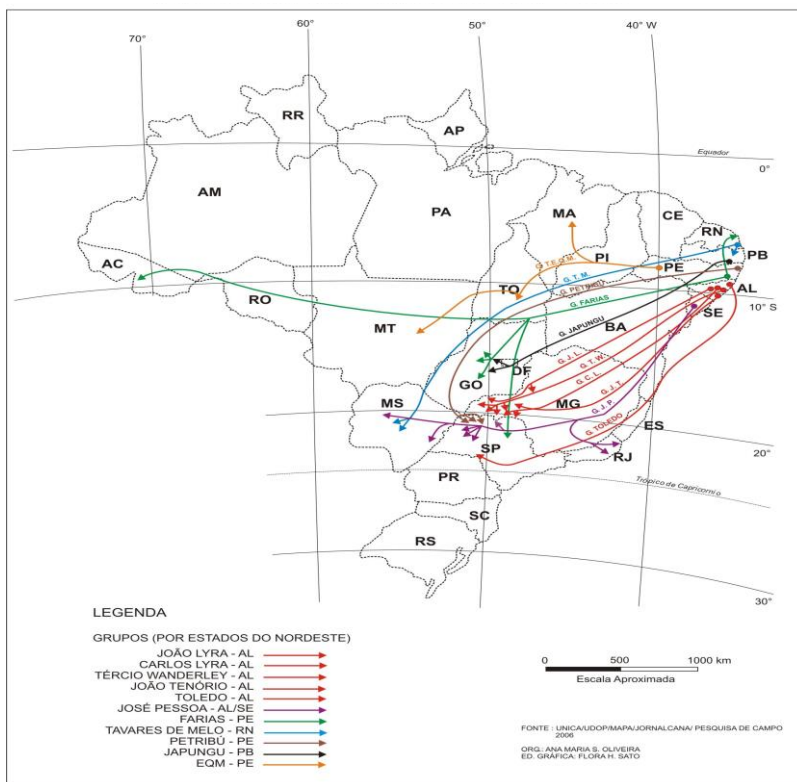
<sup>6</sup> Entrevista realizada por Nerci Aparecida dos Reis com migrantes temporários na cidade de Frutal/MG

De acordo com o artigo de Ana Maria Soares de Oliveira (O Processo de Reordenamento Territorial e Produtivo do Capital Agroindustrial Canavieiro e a Nova Geografia do Trabalho Migrante no Brasil, p. 2):

A crise dos anos 1990 levou inúmeras agroindústrias canavieiras do Nordeste à falência e aquelas que permaneceram não foram suficientes para absorver toda força de trabalho existente. Soma-se a isso o fato de que os grupos mais tradicionais e capitalizados daquela região decidiram direcionar parte do capital acumulado para outros estados, sobretudo do Centro-Sul, por meio da aquisição de novas terras e implantação de novas unidades fabris, da aquisição de unidades já implantadas ou da transplantação de unidades de propriedade dos mesmos nos estados de origem. (Oliveira, Ana Maria Soares)

No quadro abaixo vemos o Movimento Espacial do Capital Agroindustrial Canavieiro do Nordeste para outras regiões do Brasil – 2007. Nota-se neste quadro que o Grupo João Lyra e Carlos Lyra, o Grupo Tércio Wanderley e João Tenório e Toledo, todas do Estado de Alagoas, implantaram suas empresas canavieiras aqui no Triângulo

Mineiro, uma delas é a Usina Coruripe, que fica situada no município de Conceição das Alagoas.



**Figura 5: O Movimento Espacial do Capital Agroindustrial Canavieiro do Nordeste para outras regiões do Brasil. Fonte: UNICA/UDOP/MAPA/JORNAL/CANA/PESQUISA DE CAMPO 2006 (Artigo de Ana Maria Soares de Oliveira, O Processo de Reordenamento Territorial e Produtivo do Capital Agroindustrial Canavieiro a Nova Geografia do Trabalho Migrante no Brasil)**

Observando o quadro acima, vemos que a mobilidade do capital é dinâmica, pois se desloca de uma região para a outra, principalmente dos estados do Nordeste para o Centro-sul. De um lado vai reduzir a oferta de empregos e o consequente desemprego nas regiões de onde migraram. Por outro lado, haverá maior oferta de emprego e mais mão de obra, sobretudo de migrantes, que agora se territorializa novamente.

De acordo com o artigo de Oliveira, Ana Maria Soares:

Em virtude das tendências e perspectivas que vêm se apresentando para o setor a partir dos anos 2000, a Geografia da cana no Brasil está mudando significativamente e com ela muda também a Geografia do trabalho. Até alguns anos atrás a mão de obra que migrava para os canaviais paulistas era advinda do norte de Minas Gerais (Vale do Jequitinhonha) e de alguns estados do Nordeste (Alagoas, Pernambuco, Piauí, Paraíba e Bahia). Hoje, essa realidade também mudou. Já encontramos muitos trabalhadores maranhenses e potiguares trabalhando nos canaviais de São Paulo. (Oliveira, p.2)

Cabe chamar a atenção aqui neste contexto que até algum tempo atrás o estado de São Paulo era



o maior produtor de açúcar e álcool do país e consequentemente concentrando o maior número de usinas, mas hoje a fronteira do agronegócio está mudando, inclusive aqui em Frutal, com a abertura de duas grandes usinas. No Triângulo Mineiro temos usinas de açúcar e álcool nos municípios de Fronteira, Itapagipe, Iturama, Pirajuba, Campo Florido, Conceição das Alagoas, Campina Verde (ainda em construção), Santa Juliana, Tupaciguara, Araguari, Delta, Canápolis, Ituiutaba, Limeira do Oeste, Uberaba e está em construção uma usina entre o Prata e Uberlândia para começar a funcionar em 2014.

Nos últimos dez anos, segundo levantamento do Instituto de Desenvolvimento Integrado (Indi), a taxa média de crescimento da produção de cana em Minas Gerais é de 8,6% ao ano, contra 4,81% da média nacional. Minas é o terceiro produtor de cana e álcool, atrás de São Paulo e Paraná, e de açúcar, atrás de São Paulo e Alagoas. O Triângulo Mineiro concentra hoje 68% da produção de cana-de-açúcar, 79% da de açúcar e 61% do álcool produzido no Estado. (Secretaria de Estado de Desenvolvimento Econômico, Governo do Estado de Minas Gerais).

Portanto, de acordo com estes dados do Governo de Minas Gerais, vimos que o Triângulo

Mineiro modificou muito sua produção agrícola, que até alguns anos atrás era mais voltada para o plantio de abacaxi, laranja, milho e soja. Hoje vemos que a produção de cana-de-açúcar aumentou muito e com isto aumentou também a oferta de emprego e também a vinda de migrantes nordestinos para não faltar mão de obra.

### **3 AS IRREGULARIDADES ENCONTRADAS PELO SINDICATO DOS TRABALHADORES RURAIIS DE FRUTAL ENVOLVENDO TRABALHADORES NAS LAVOURAS**

Sabe-se que a economia brasileira tem como fonte principal a agropecuária desde os tempos de colonização até os dias atuais. Os trabalhadores do campo sempre foram explorados, bem como todo tipo de trabalho braçal. Acredita-se que isto seja herança dos tempos da escravidão no Brasil. Por isto até hoje, em pleno século XXI ainda há denúncias de trabalho escravo, isto é, semelhante ao trabalho escravo, onde os trabalhadores vivem em condições de miséria em alojamentos precários, vivendo com baixíssimos salários como veremos a seguir.

De acordo com Alves, et. e tal, 2007, p. 59 em seu livro Migrantes:

[...] Os registros de trabalho escravo referem-se à fronteira agrícola do país. Esse tema foi estudado em profundidade pelo professor José de Souza Martins em vários trabalhos. Sua tese é a de que as relações escravistas não se tratam de anomalia, mas se inserem nas necessidades de reprodução ampliada do capital, na ânsia para obter maiores lucros. A imobilização da força de trabalho, associada à

servidão por dívidas, acontece no contexto do que o autor denomina acumulação primitiva do capital [...] (Alves, 2007)

Geralmente, quando se fala em trabalho escravo, pensamos que ele ocorre em regiões muito distantes daqui, nas chamadas áreas de fronteira agrícola, como por exemplo, na região Norte e Nordeste do país, nos estados do Pará, Rondônia, Acre e no Maranhão, onde houve vários registros de denúncias pela mídia nacional. Mas infelizmente isto acontece bem perto de nós, segundo dados provenientes de pesquisas recentes, além de informações da Pastoral dos Migrantes, sediada em Guariba/SP, da Procuradoria do Trabalho, aqui na região Sudeste, nos estados de São Paulo, atualmente considerado o coração do agronegócio do país e Minas Gerais, mais especificamente na região de Frutal, no Triângulo Mineiro.

Hoje o trabalhador é mais esclarecido de seus direitos e com frequência ele mesmo denuncia as irregularidades no campo ao Sindicato dos Trabalhadores Rurais envolvendo as relações de trabalho e a empresa para qual presta serviço.

Em recente entrevista com a Senhora Marciléia Alves Ferreira, presidente do Sindicato dos

Trabalhadores Rurais de Frutal, há um ano e sete meses, a mesma nos relatou várias denúncias e irregularidades que o sindicato recebe e que a mesma vai a campo fazer as averiguações, junto com o assessor jurídico do mesmo. E se não resolve o problema aqui mesmo, ela aciona o Ministério Público do Trabalho, que vem à Frutal investigar as irregularidades, que sempre termina em pesadas multas para as empresas.

A presidente do sindicato, Sra. Marciléia diz que o sindicato é o principal órgão para defender, esclarecer e ajudar o trabalhador rural. Sua função como presidente é: formalizar acordos ou dissídios coletivos de trabalho, visitar o trabalhador no campo, sempre que for convidada ou quando recebe denúncias, (e que há muitas denúncias de irregularidades). Lutar pela reforma agrária em Frutal e no município de Comendador Gomes e acompanhar sempre os contratos para verificar se não estão sendo lesados. Uma ótima notícia é a de que o Sindicato Rural de Frutal distribuiu seis toneladas e meia de feijão para os trabalhadores rurais em novembro de 2011.

Marciléia relata o exemplo de uma denúncia muito grave que ocorreu no município de Comendador Gomes no ano passado:

Havia uma turma de **migrantes baianos** que foram contratados por uma empresa no local. Foi recolhida a carteira para registro, feito exame médico, e após vinte dias ainda não estavam trabalhando. A empresa alegou que era porque ainda não havia começado a safra (colheita) da laranja. Então os trabalhadores denunciaram as más condições que se encontravam para o Sindicato Rural. E foi constatado que era migrante de “carteira branca”, isto é, o primeiro registro no Triângulo Mineiro, que atualmente, as empresas não querem contratar. Havia várias pessoas numa casa, entre homens e mulheres. Felizmente não havia crianças. Era uma casa em construção, onde não havia água encanada, esta era colocada em tambores, para alimentação, banho e lavagem de roupa. Havia 12 (doze) pessoas nestas condições, passando fome, pois o supermercado não vendia mais.<sup>7</sup>

Então o Sindicato dos Trabalhadores Rurais de Frutal, representado pela presidente e o assessor jurídico constataram as irregularidades, entraram em contato com a empresa e negociaram os direitos e deveres dos trabalhadores, que resultou no registro imediatamente, junto com a baixa da carteira de trabalho de oito trabalhadores, que decidiram voltar

---

<sup>7</sup> Entrevista realizada por Nerci Aparecida dos Reis, com a presidente do Sindicato Rural de Frutal.

para sua cidade natal, com a rescisão de trabalho e com todos os direitos trabalhistas mais a passagem de volta, inclusive verba para alimentação.

De acordo com Marciléia, neste incidente a empresa gastou mais ou menos 40 mil reais. E ainda era reincidente, pois em agosto do ano de 2011 já havia sido encontrado 42 trabalhadores que tinham vindo do Maranhão, da cidade de Santa Fé de Ferraz, que havia sofrido um acidente de ônibus e estavam trabalhando doentes.

A cidade de Frutal, desde que foram inauguradas as Usinas Cerradão (em 01 de junho de 2006) e Usina Frutal, começou a receber um grande número de migrantes nordestinos. Estes alugavam casas onde ficavam alojados de 15 a 20 homens em média. No ano de 2011, foram encontrados em Frutal 28 alojamentos irregulares. O sindicato rural já localizou uma casa de três cômodos com 18 homens, passando frio e fome, no mês de junho do ano passado. Eles dormiam enrolados em plástico preto sem cama, sobre um colchonete fino. Quando perguntados por que não usavam suas redes, eles disseram que era devido ao frio, que era muito maior se deitassem nelas. Nesta casa não havia cama, não havia água potável, nem lugar para guardar roupas e pertences pessoais, sem quartos e banheiros

suficientes para 18 pessoas. Havia péssimas condições de higiene, afirma Marciléia.

No tocante ao trabalho escravo e ao empreiteiro, Alves et e tal destaca que:

Quanto às denominadas condições análogas à escravidão, os registros/ denúncias reportam-se à imobilização da força de trabalho, posta em prática pelos arregimentadores, “gatos”, os quais são, na verdade, os responsáveis pela chamada terceirização das relações de trabalho, prática tão recorrente no mundo atual globalizado, porém que já vem acontecendo há várias décadas nessa agricultura, desde o surgimento do processo de volantização da força de trabalho a partir da década de 1960. (Alves et e tal, 2007, p.69 )

Pelas pesquisas vemos que um dos motivos destas dificuldades por que passam alguns destes migrantes que chegam a Frutal e em outras cidades da região Sudeste, é que estas pessoas já chegam endividadadas pela passagem da viagem que pagaram para o “gato”, o empreiteiro que contrata estes trabalhadores, as despesas do aluguel, alimentação, água e luz, etc. “A imobilização da força de trabalho corresponde à servidão por dívidas, contraídas com os *gatos*” [...] “A dívida do trabalhador acaba sendo



o elo da corrente que o aprisiona, que o escraviza.” (Alves et e tal, p. 69) E quando o trabalhador não tem condições de saldar esta dívida, em razão dos baixos salários recebidos e da parte destinada aos “gatos”, ele é submetido a coações físicas e morais, pois o pagamento desta dívida é um compromisso moral.

Na última década, a imprensa nacional publicou varias denúncias de trabalhadores escravizados na região Sudeste. E todas as denúncias são parecidas: Esta foi extraída do livro Migrantes de Alves et e tal, 2007, p. 61:

Trabalhadores da cana-de-açúcar trazidos do **Piauí**, foram encontrados em situação degradante em Ituverava: quase 30 pessoas moravam juntas numa casa de cinco cômodos com péssimas condições de higiene, dormiam no chão, [...] não recebiam salários, mas vales para fazer compras no supermercado de José Ruivo, empreiteiro que os aliciou. De acordo com o promotor o caso pode ser enquadrado como redução à condição análoga a de escravo, cuja pena é de reclusão de dois a cinco anos. (Folha de São Paulo, C3, 17/06/2004)

Mas neste ano de 2012, depois das denúncias do Sindicato Rural e da vinda do Ministério Público do Trabalho, que já esteve em Frutal por três vezes, esta situação já está sendo regularizada. Algumas

empresas de Frutal já foram multadas em milhões de reais devido às irregularidades encontradas nas relações de trabalho dos trabalhadores rurais. Um fato importante é que tudo que acontece no Sindicato, como as denúncias de irregularidades, as visitas no campo, etc. estão registradas em Atas em com fotografias.

No dia 19 de abril de 2012, a presidente do Sindicato Rural, Sra. Mariléia foi a campo verificar denúncias de irregularidades, onde encontrou vários trabalhadores cortadores de cana-de-açúcar em uma fazenda no Distrito de Aparecida de Minas. Constatada as irregularidades o Ministério do Trabalho decidiu levar cerca de 70 terceirizados que trabalham no corte de cana-de-açúcar irregularmente até o sindicato para efetuar a regularização, pois todos trabalhavam sem registro na carteira.

Mariléia contou ainda que:

Os trabalhadores estavam há uma semana sem registro, realizando plantio de forma inadequada, sendo transportados junto com facões e combustíveis, ausência de sanitário e da área de vivência, sem água potável no ônibus, entre outras irregularidades. "Além disso, eles trabalhavam sem equipamentos de proteção individual como botas,

calça comprida, bonés. Enfim, as condições realmente eram irregulares", acrescentou.<sup>8</sup>

Ainda segundo a presidente todos os trabalhadores devem ficar sem trabalhar até que a regularização dos documentos acontece. “Eles já começaram o procedimento que regulamenta o trabalho, depois estão liberados para continuarem”, contou Marciléia. Uma das irregularidades encontrada no campo em Aparecida de Minas é o trabalhador em cima do caminhão jogando cana de açúcar para o plantio manual. Alguns usavam tênis ao invés de botas. Todos os trabalhadores já estão sendo regularizados. Marciléia disse que quando age deste modo, está pensando na saúde do trabalhador, pois pensa na sua velhice, quando tiver idade para a aposentadoria, quando não tiver mais condições pra trabalhar, ou quando quebrar uma perna ou um braço ou sofrer qualquer acidente no trabalho.

Marcileia explica como deve ser a “área de vivência” para os trabalhadores no campo: esta tem que ter água gelada, banco com mesa para alimentação e local para cobrir da chuva, banheiro masculino e feminino. Três empresas de Frutal já

---

<sup>8</sup> Entrevista realizada por Nerci Aparecida dos Reis com a presidente do Sindicato rural de Frutal.

possui um “trailer” bem moderno para esta área de vivência, disse ela.

A presidente do Sindicato Rural de Frutal conta que já foi trabalhadora rural, tem registro na carteira numa empresa de laranja, onde trabalhava no controle de pragas. Encontrava várias irregularidades, até que entrou para o sindicato e se candidatou a presidente. Hoje viaja sempre para a capital, Belo Horizonte e Brasília na defesa dos direitos dos trabalhadores rurais. “Gosto de estar no campo. E não há ameaça nenhuma que vai me tirar deste trabalho”. Diz Marciléia. Ela conta que já sofreu ameaças de morte por lutar a favor dos menos favorecidos. Mas que não tem medo e vai continuar a defender os trabalhadores rurais.

A seguir vemos duas fotos de cortadores de cana-de-açúcar sobre um caminhão no Distrito de Aparecida de Minas, no Município de Frutal/MG.



**Figura 6: Irregularidade com cortadores de cana-de-açúcar no Distrito de Aparecida de Minas, Frutal/ MG. Fonte: Sindicato dos Trabalhadores Rurais de Frutal/ MG**



**Figura 7: A foto mostra irregularidade encontrada na lavoura de cana-de-açúcar, com trabalhadores em cima do caminhão de cana, no Distrito de Aparecida de Minas, Frutal. Fonte: Sindicato dos Trabalhadores rurais de Frutal**

### **3.1 O perfil dos trabalhadores rurais nordestinos**

Segundo as pesquisas de campo, foi verificado que todos os migrantes nordestinos são jovens de vinte a trinta anos, para suportar o trabalho pesado e na maioria dos casos de cor parda. São pessoas humildes, que vieram do interior do nordeste, onde falta trabalho e ganham muito pouco. A maioria não possui o Ensino Fundamental completo, alguns são analfabetos ou mal sabem ler e escrever. Mas são muito trabalhadoras e pessoas honestas que vieram pra cá apenas para trabalhar e juntar algum dinheiro para voltar no final da safra ou depois de alguns anos.

Em entrevista numa residência na Rua Campina Verde, no bairro Nossa Senhora Aparecida, num sábado à noite, havia na casa quatro rapazes e um senhor mais velho, vindos da cidade de São João das Missões, do norte de Minas Gerais. O rapaz que aceitou fazer a entrevista chama-se D<sup>1</sup>, 23 anos, cor parda e é filho do senhor mais velho. Nesta casa moravam oito pessoas, desde fevereiro, o pai, dois filhos e dois primos, todos do norte de Minas Gerais. Havia mais dois que não eram da família, um rapaz

de 19 anos, de Paramirim, na Bahia. Foi perguntado para eles:

Por que vocês vieram para Frutal?

D1: Por causa do trabalho. Lá tem serviço, mas ganha menos. Lá a gente ganha mais ou menos 25 a 30 reais por dia. Um dos motivos é que não encontra trabalho com carteira assinada, é mais difícil de achar.

Quanto tempo vocês estão aqui em Frutal?

M2: Eu, é a 2ª vez que vim prá cá. A primeira vez foi no ano passado. Os outros vieram em fevereiro.

Por que Frutal foi escolhida?

D1: A gente participa de um sindicato. Eles chamaram a gente para trabalhar aqui.

O que você faz na Usina Cerradão?

D1: Eu trabalho na movimentação de mercadoria. Carrego as carretas de açúcar, que vai para Santos e vários lugares também.

Quanto vocês ganham por mês?

M2: No ano passado ganhava mais ou menos 1800 reais por quinzena, depende da produção. O mínimo é 1300 reais.

Quanto tempo vocês pretendem ficar em Frutal?

M2: Depende, se o lugar for bom, a gente volta. Por enquanto, no final do ano a gente vai embora.

Ele começou a trabalhar na sacaria com 18 anos pegando sacos de 50 kg.

O que você está achando da cidade?

G9: Moça, pouco tempo que a gente tá aqui, dois meses, mas to gostando.

Vocês saem a noite para passear?

D1: De vez em quando, a gente não é muito baladeiro.

Qual é a comparação que você faz entre Frutal e a cidade de vocês?

M2: Gosto daqui, só que sou mais o lugar onde moro. O lugar da gente é bom. A gente vem para Frutal, é mais desconhecido. Mesmo quando a gente chega num lugar animado, a gente fica por fora. Aqui não pode nem ligar o som alto, que logo os vizinhos chama a polícia. Lá a gente faz festa. “Não tem lugar melhor que o lugar da gente”! Com certeza! Diz D1.<sup>9</sup>

Nesta entrevista D1 relatou que lá no norte de Minas eles moram numa aldeia de índios da FUNAI, da etnia Xacriabá. Disse que a aldeia é grande e fica perto da cidade de Januária e de Itacarambi. Eles vivem da lavoura de arroz, feijão, milho. Plantam para sobreviver, e vendem o que sobra do gasto. D1 estudou até o 2º ano do Ensino Médio e está fazendo um curso de Informática na “PREPARA” (Empresa de Cursos de Informática) em Frutal. Todos os rapazes entrevistados eram jovens, pardos, de vinte e poucos anos, humildes e aparentavam serem pessoas pacatas. D1 e seus irmãos e primos são índios. São

---

<sup>9</sup> Entrevista realizada por Nerci Aparecida dos Reis com migrantes da Bahia e do Norte de Minas Gerais D1 e M2



migrantes temporários, que ficam aqui durante a safra e retornam para sua terra e sua família no final do ano. Portanto em Frutal não temos apenas migrantes do Nordeste, mas também do norte do estado de Minas Gerais, uma região com características bem parecidas com o Nordeste brasileiro.

### **3.2 O atual quadro da agricultura em Frutal**

Frutal é um município situado no Triângulo Mineiro, distante da capital 628 km, com 54.819 mil habitantes, que apesar de contar com uma Cervejaria e a construção de duas usinas de açúcar e álcool nos últimos dez anos, a base econômica é a agropecuária e a cana-de-açúcar. Também se destaca na produção de abacaxi (terceira maior produtora do país), grãos (em especial soja e milho) e na pecuária leiteira.

De acordo com pesquisas em campo verificamos que atualmente a paisagem rural mudou muito, depois da abertura das usinas de açúcar em Frutal. Onde antes se plantava soja e milho, hoje vemos extensos canaviais. Assim percebem-se as transformações ocorridas no meio rural, causadas

pela modernização da agricultura, e no delineamento das decisões estabelecidas pelo sistema capitalista influenciando a vida dos trabalhadores rurais. Portanto, os recursos tecnológicos utilizados no campo, causam uma artificialidade muito grande na produção agrícola, para favorecer o aumento da produtividade e atender aos interesses hegemônicos do capital, isto é das usinas de açúcar e de álcool. Onde havia a agricultura de subsistência dos pequenos produtores rurais, hoje o agronegócio predomina no cenário do município.

A seguir temos um mapa do município de Frutal, com os municípios limítrofes.



Figura 8: Mapa do Município de Frutal.

Fonte: <http://www.camarafrutal.mg.gov.br>

O mapa a acima mostra os municípios que fazem limites com o município de Frutal, além do Distrito de Aparecida de Minas e dos Povoados da Pradolândia, Boa Esperança, Água Santa, Garimpo do Bandeira e Vila Barroso. Nota-se que o mesmo faz divisa com o Estado de São Paulo ao Sul, Sudeste e Sudoeste pelo Rio Grande.

O mapa a seguir é do município de Frutal localizado no Estado de Minas Gerais e Minas Gerais no Brasil.

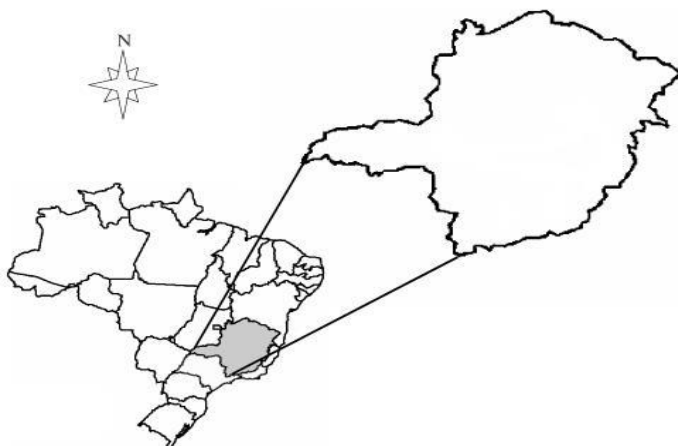


**Figura 9: Frutal no estado de Minas Gerais.**

**Fonte:** <http://pt.wikipedia.org/w/index.php?Ficheiro>

No mapa vemos que o município de Frutal está localizado no Triângulo Mineiro, a leste no estado de Minas Gerais, tendo como limite ao sul o Estado de São Paulo.

O mapa a seguir mostra o Estado de Minas Gerais e a sua localização no Brasil.



**Figura 10: Minas Gerais no Brasil**

**Fonte:** <http://minas-e-mineiros.blogspot.com.br/2010/06/minas-gerais>

O Estado de Minas Gerais localiza-se na região Sudeste do Brasil, a região mais desenvolvida economicamente e mais densamente povoada do Brasil, juntamente com os estados de São Paulo, Rio de Janeiro e o Espírito Santo.

O solo característico do município de Frutal é o latossolo vermelho, que devidamente corrigido e adubado é ótimo para a agricultura. O relevo suave e ondulado também favorece a mecanização e a irrigação, apresentando grande potencialidade para a produção de grãos. A vegetação do município de

Frutal é originariamente de cerrado e campo-cerrado. Este bioma apresenta árvores espaçadas, com troncos retorcidos e casca grossa. Apresenta um tapete de gramíneas e pequenos arbustos, sendo que as árvores não atingem alturas muito grandes. O município está em uma região próspera do estado de Minas Gerais, contando com uma eficiente malha rodoviária, num entroncamento rodoviário perto de grandes centros urbanos como Uberlândia, Uberaba (MG) e Barretos e São José do Rio Preto no estado de São Paulo.

## CONSIDERAÇÕES FINAIS

Diante do conteúdo exposto no presente trabalho pode-se considerar que o migrante nordestino está contribuindo para o desenvolvimento de nossa cidade e região, uma vez que eles vêm para aumentar a mão de obra necessária para mover o complexo agroindustrial das usinas de cana-de-açúcar e de álcool e das lavouras de laranjas de Frutal. Alguns são migrantes temporários e outros já trouxeram a esposa e os filhos pequenos, que na maioria vão estudar nas escolas dos bairros da periferia.

Geralmente estas crianças chegam às escolas de Frutal apresentando alguma dificuldade de aprendizagem, uma vez que a maioria vem da zona rural, são muito humildes e com sérios problemas socioeconômicos como a pobreza.

No tocante ao Nordeste, em relação às secas e a pobreza, não é a seca que leva à pobreza e sim as relações sociais. A seca sempre existiu no Nordeste. Há relatos deste fenômeno desde a época da Coroa Portuguesa. O que falta são investimentos públicos e infraestrutura no combate à seca. Cada região tem suas particularidades e mesmo na região sudeste, temos o norte do estado de Minas Gerais que

apresenta características semelhantes ao do nordeste, como o clima e a vegetação do bioma caatinga.

Nos últimos anos, depois da chegada das Usinas em Frutal, a migração nordestina aumentou consideravelmente, uma vez que antes estes vinham para nossa cidade para trabalhar apenas na colheita da laranja, numa empresa chamada Cutrale que já existia aqui há mais tempo. Muitos deles já vivem aqui em Frutal há alguns anos e outros são migrantes sazonais.

As investigações que estamos efetuando nos permite observar que as migrações dos nordestinos trabalhadores no agronegócio canavieiro estão ocorrendo tanto para as regiões tradicionalmente produtoras, como o estado de São Paulo, como para as regiões em expansão como o Centro Oeste e Sudeste e mais precisamente no município de Frutal.

Cabe aqui chamar a atenção para o processo de desterritorialização do migrante nordestino, que sai de sua pequena propriedade rural, onde praticava a agricultura de subsistência para vender sua força de trabalho para os capitalistas do agronegócio canavieiro, se tornando um “boia fria” aqui no Sudeste.

Felizmente, com a ajuda dos Sindicatos dos Trabalhadores Rurais, muita coisa mudou para

melhorar as condições de trabalho destas pessoas. Atualmente, aqui em Frutal os trabalhadores rurais são transportados em ônibus em bom estado de conservação, não podem mais morar em alojamentos em situação insalubre, sem camas e com péssimas condições de higiene como ocorria no passado, pois algumas empresas já receberam pesadas multas por ter sido denunciada estas irregularidades.

Outro fato observado nesta pesquisa de campo, conversando com várias pessoas que trabalham nas usinas de açúcar de Frutal, é que os moradores da nossa cidade, de todos os entrevistados, nenhum trabalha no corte de cana. Todos trabalham em serviços menos pesado como: motoristas de caminhão que faz o transporte da cana, motoristas de ônibus que transporta os trabalhadores rurais, ou motoristas dos tratores, chefes de turmas, funcionário de balança, de escritório e etc.

Concluimos este trabalho colocando as mesmas questões que nos levaram a fazer esta pesquisa: o que leva uma família a deixar sua região, seus laços familiares, as amizades, seus costumes para vir trabalhar em uma região tão distante e diferente da sua? Sabemos que cada região brasileira tem as suas tradições e a realidade socioeconômica também é diferente uma da outra. Assim sendo,



analisamos alguns conceitos básicos da Geografia como lugar, região, território, desterritorialização e identidade cultural. Analisamos também um pouco do agronegócio brasileiro da cana-de-açúcar que está modificando a paisagem e a economia de Frutal, do Triângulo Mineiro e da Região Sudeste.

Onde antes era praticada a agricultura familiar ou de subsistência, hoje as terras foram arrendadas para as usinas plantarem cana-de-açúcar. Muitos pequenos produtores arrendaram suas terras e depois se arrependeram, pois o preço do arrendamento foi uma ilusão, pois não foi vantagem para o pequeno produtor e sim para os donos de usina.

A seguir vemos o mapa da cidade de Frutal, Minas Gerais.



## REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS

CASTRO, Iná Elias, GOMES, Paulo Cesar da Costa,

CORRÊA, Roberto Lobato, (Organizadores), **Geografia: Conceitos e Temas**, Rio de Janeiro, 1995.

DAMIANI, Amélia Luisa, **População e Geografia, Coleção Caminhos da Geografia** 9ª Ed. São Paulo: Contexto, 2011

FREITAS, Eduardo de, **Graduado em Geografia**, Equipe Brasil Escola,

HAESBAERT, Rogério, **Territórios Alternativos**, 2ª edição, São Paulo: Contexto, 2006.

MOREIRA, Ruy, **O Círculo e a Espiral, a crise paradigmática do mundo moderno, Cooperativa do autor.** Coautor.

NOVAES, José Roberto, ALVES, Francisco [organizado por], **Migrantes**, 1ª edição São Carlos: EdUFSCar, 2007.

OLIVEIRA, Ana Maria Soares de , Artigo disponível em <http://www4.fct.unesp.br/ceget/AnaMariaSoaresdeOliveira.pdf>, Acessado em 16/07/12 as 16 h e 30 min.

RAMOS, C. A. e ARAÚJO, H. **Fluxos migratórios, desemprego e diferenciais de renda.** Texto para discussão n. 657. Rio de Janeiro, julho de 1999.

TERRA, Lygia; ARAÚJO, Regina; Guimarães, Raul Borges  
Conexões- **Estudos de Geografia Geral e do Brasil**, vol. 1  
São Paulo, pág. 224, 230, 232, 234, Ed. Moderna São Paulo,  
2010

## **Internet**

<http://www.brasilecola.com/brasil/a-migracao-atual-no-brasil>. Acesso dia 27/06/11 às 21 h.

<http://intra.vila.com.br/sites/povolatino/paginas/1b/questao5/questao5c.htm> ,Acesso dia 27/06/11 às 22 h, Almanaque Abril 1997 CD-ROM.

[http://www.ibge.gov.br/ibgeteen/datas/migrante/atualmente\\_como\\_anda.html](http://www.ibge.gov.br/ibgeteen/datas/migrante/atualmente_como_anda.html), Acesso dia 21/04/12 Às 21 h

<http://www.desenvolvimento.mg.gov.br/pt/component/content/134?task=view>, Acessado em 17/07/2012 as 17 h e 45 min.

<http://blog.educacao.mg.gov.br/wpracs/especial-dia-do-indio-xacriaba>, Acessado em 20/08/2012 às 23h45min.

<http://www.camarafrutal.mg.gov.br/>  
Acessado em 25/10/2012 às 22 horas.

<http://minas-e-mineiros.blogspot.com.br/2010/06/minas-gerais.html> Acessado em 25/10/12 às 23 h e 35 min.



**Editora Prospectiva**